

# Z U B A T H

pseudônimo - **ZANE ZHIMA**

autora - Rejane Guimarães Amarante

## C A P Í T U L O    I

No ano de 1580, uma caravela portuguesa navegava pelo Oceano Atlântico a caminho do Brasil, nas chamadas Índias Ocidentais. Media pouco mais de vinte e cinco metros e estava repleta de marinheiros no convés. O calor era intenso, o Sol escaldante. Os homens revesavam-se para cochilar um pouco, pois não havia espaço para todos dormirem ao mesmo tempo. Só o capitão dispunha de aposento exclusivo.

O jovem capitão Martim Francisco, fidalgo descendente de um grande navegador dos mares do sul, seu avô Vasco de Magalhães, que teve um rebento, Pedro Afonso, um bravo general, pai do capitão. Martim Francisco honrava sua linhagem. Em seus vinte e oito anos de vida, já havia navegado muitas léguas. Seu vigor físico impelia-o às conquistas ultramarinas. Rapaz alto, cabelos negros em cachos que se desmanchavam pelos ombros, de olhos azuis como o céu. A barba espessa escondia um pouco a juventude de seu rosto. Seus braços musculosos e peito largo estavam bronzeados pelo Sol na viagem através do mar.

Os marinheiros começaram a limpar um pouco o convés. Um odor fétido de urina e excrementos provocava náuseas em alguns homens, que aumentavam a sujeira vomitando perto do mastro principal.

Manuel supervisionava a limpeza para que terminasse antes do capitão acordar da sesta. Ele era o homem de confiança do capitão Martim Francisco. Tinha pouco mais de cinquenta anos, cabelos grisalhos, não muito alto, mas muito magro. Suas pernas finas mal seguravam as calças no lugar.

Os marinheiros terminaram a limpeza

e Manuel foi chamar o capitão. Navegaram por toda a tarde e o calor não amenizou. Como o crepúsculo surgia no céu, ele foi buscar as bolachas para os marinheiros fazerem a refeição noturna. Distribuiu-as com parcimônia, assim como fez com a água.

Não demorou para anoitecer e, com a noite, vieram os ventos cada vez mais fortes a espalhar tudo pela nau. Manuel correu e foi certificar-se de que seu báu estava bem amarrado no depósito de alimentos. Ao chegar lá, olhou várias vezes à sua volta, garantindo-se de que ninguém o observava. Abriu um baú grande e desgastado, onde havia um outro baú menor. Pegou uma corda e amarrou este baú pequeno várias vezes. Depois, fechou o baú maior e amarrou junto a um pilar da embarcação. Voltou para o convés.

O mar estava muito agitado, tempestades constantes inundavam a embarcação. Os relâmpagos assustavam o experiente capitão Martim Francisco e seus marinheiros temiam a cada onda gigantesca que inundava toda a caravela.

A nau pendia para a direita e a esquerda. Eles olhavam para o céu escuro, procuravam alguma orientação nas estrelas, mas estas não surgiam naquela noite de agonia. Nenhum sinal dos céus, nenhuma trégua no mar. A cada instante, avistavam o fim que se aproximava. A embarcação não resistiria por muito mais tempo à enxurrada que se abatia sobre ela, forçando ao desequilíbrio, naufrágio inevitável.

Prepararam alguns pedaços de madeira para tentar escapar, mas uma onda cobriu tudo e, quando se dissipou, a maior parte deles foi lançada ao mar e perdeu-se na escuridão infinita.

De repente, sobre as cabeças dos marinheiros desesperados, iluminou-se o mastro e, logo, todo o convés. Um barulho muito forte abafou o som das ondas. Um feixe de luz formou um círculo e a imagem de um homem foi surgindo como um vulto. Era um homem muito alto, forte, de estranha pele lilás cintilante, cabelos cor púrpura e olhos azuis como safiras muito brilhantes . Sua imagem foi-se tornando cada vez mais nítida diante do capitão e seus homens atônitos.

O homem estava no centro do convés, em carne e osso, olhando para o capitão fixamente. Martim Francisco, num breve momento de reflexão, entendeu que deveria acalmar seus marinheiros e dirigiu-se ao estranho homem de aparência fantasiosa e roupas cintilantes e apresentou-se.

— Sou o Capitão Magalhães, desta nau Oceania. Tendes permissão para subir... ... descer a bordo. Tendes navegantes convosco?

O homem aproximou-se do capitão e colocou sua mão diante dos olhos de Martim Francisco. Ele reconheceu um símbolo tatuado na palma da mão do estrangeiro. Era o brasão de sua própria família. Certamente aquele estranho homem, de aparência e vestimenta tão singulares, conhecia alguém da família de Martim Francisco.

O estranho fez sinal para todos aproximarem-se do feixe de luz. As ondas continuavam a castigar o convés incessantemente. Martim Francisco ordenou que seus marinheiros caminhassem até o círculo luminoso. Um pouco assustados, os marinheiros hesitavam entre o ataque das ondas e o pavor pelo objeto suspenso no ar sobre a caravela, com estranhas luminárias coloridas piscando sobre suas cabeças. Temiam colocar-se no feixe de luz, mas uma onda bravia os

arremessou para bem perto do homem estranho.

Um a um foram-se aproximando do círculo luminoso. Seus corpos pareciam desfazer-se na luz e desapareciam. Outros, tomados pelo pânico, lançaram-se ao mar, na escuridão da noite eterna. Os demais aglomeraram-se em torno do feixe de luz, apressando-se para desaparecer da caravela. Martim Francisco foi o último a deixar a embarcação.

Entraram numa outra espécie de embarcação de metal, viram uma espécie de vitral, onde espremeram-se para olhar em volta a noite negra sem estrelas e, abaixo, a caravela alvejada pelas ondas. Uma parte do casco estava arrebentada. A embarcação começava a afundar. Alguns marinheiros respiraram aliviados. Havia conseguido escapar do naufrágio naquela extraordinária situação. O homem estranho apontou um outro compartimento e Martim Francisco ordenou que seus marinheiros o acompanhassem até uma espécie de sala, onde havia uma mesa grande e muitas frutas daquelas que costumavam encontrar no Brasil.

Os marinheiros estavam famintos, serviram-se das frutas, enquanto Martim Francisco observava cuidadosamente aquela estranha embarcação que rasgava o céu com muita rapidez.

Depois de comerem, os homens do Capitão Magalhães estavam exaustos. Os tripulantes daquela embarcação diferente trouxeram várias mantas, de tecido muito estranho, e os marinheiros portugueses acomodaram-se no chão da sala de refeições. Não tardaram a adormecer. O homem estranho de olhar cintilante fez sinal para que Martim Francisco seguisse-o.

Entraram numa outra sala. As

portas abriam-se e fechavam-se sem que ninguém tocasse nelas. Martim Francisco estava admirado, mais do que assustado. Nunca tinha visto tantas maravilhas, nem no Brasil, onde pensava que já tinha visto tudo que poderia existir no mundo. Nem mesmo o pássaro que falava, ou os índios de pele cor de bronze, que andavam quase nus nas praias, tinham-lhe provocado tanto espanto quanto aquela nau de metal que navegava por entre as nuvens. De repente, Martim Francisco olhou pelo vitral daquela sala pequena e viu que a nau navegava por entre as estrelas. Uma trilha delas, muito brilhante afastava-se abaixo, como um tapete de cacos de ouro. Ele virou-se para o homem estranho com olhar incrédulo, que lhe apontou uma cadeira e fez sinal para que tomasse assento.

Martim Francisco percebeu que a nau diminuía a velocidade e, afinal, parou. O estranho bateu palmas duas vezes e uma espécie de portão de ferro brilhante moveu-se lentamente numa tela na parede e, como uma porta para o céu, foram surgindo, num grande vitral cristalino, as estrelas de uma noite de verão. A nau moveu-se lentamente e as estrelas pareciam girar. Martim Francisco não conteve as lágrimas quando foi surgindo, pouco a pouco, a luz alva e brilhante da Lua. Cobriu o rosto com as mãos e, rapidamente, tentava recompor-se. A nau recuou lentamente e, atrás da Lua, ele pôde ver uma esfera muito colorida, onde o azul escuro predominava ao fundo, sobre o qual espalhavam-se formas incertas avermelhadas, cercadas, em cima e embaixo, por grandes manchas brancas, como leite derramado sobre a mesa.

Seu coração disparou, a respiração ficava cada vez mais difícil, as mãos tremiam. Apesar do descontrole, não conseguia desviar o olhar daquela imensa bola colorida e brilhante. Quanto mais olhava, mais queria ver. Martim Francisco estava paralisado, não tinha

sequer um pensamento em sua mente. Não percebeu quanto tempo decorreu, mas, quando saiu do transe, levantou-se da cadeira, aproximou-se do vitral cristalino e fez um afago naquele globo, como se fosse um brinquedo.

Sem que o estranho dissesse uma palavra, entendeu que aquele era o planeta Terra. Não conseguia imaginar como era possível estar ali, nem o que deveria fazer. Virou-se para o estranho e ele apontou para o vitral. Martim Francisco sentiu que a nau movia-se suavemente e girava devagar. Uma luz intensa foi adentrando a pequena sala. Martim Francisco avistou o Sol gigante, esfera flamejante ao fundo e duas esferas menores, cada qual numa extremidade do vitral. Ele achou a esfera mais próxima do Sol de uma beleza insuperável. Sob um fundo azul escuro, salpicado por gotas douradas, espalhavam-se manchas flamejantes, como vinho de ouro. Era o planeta Mercúrio.

A nau girou novamente. Surgiram a Lua e a Terra no vitral. Lentamente, cruzaram a noite magnífica e passaram por uma enorme esfera vermelha, o planeta Marte. Adiante, várias rochas suspensas no ar formavam uma barreira que atemorizava. A nau movia-se por entre elas em velocidade moderada, cuidadosamente. Surgiu, então, uma outra esfera, gigantesca, muito maior do que as outras e, em torno dela, muitas luas, era o magnânimo planeta Júpiter.

E assim prosseguiram as esferas gigantes e suas luas até que só existissem longínquas estrelas. De repente, a nau deu meia volta. O estranho fez sinal para que Martim Francisco olhasse para o vitral, onde surgiu uma espécie de poeira dourada e brilhante, em forma de um grande anel. A nau distanciou-se rapidamente e o estranho trouxe uma taça de vinho. Martim Francisco perguntou onde ele guardava a garrafa.

O estranho homem cintilante apontou para a mesa e

Martim Francisco sentou-se. Diante dele, havia uma espécie de baú feito de um metal que poderia ser ouro. Havia dentro vários pergaminhos, semelhantes a mapas, onde estavam desenhadas estrelas e circunferências coloridas. Martim Francisco começou a ler a mensagem escrita num dos pergaminhos.

Estava assinada por Vasco Antônio Guedes de Magalhães, avô de Martim Francisco. Várias vezes, quando era criança, ouviu as estórias contadas por sua avó e sua mãe e também pelos navegantes das Índias.

Em 1501, no mês de abril, o Capitão Vasco de Magalhães, como era conhecido, partiu com sua esquadra de sete caravelas do Algarve rumo às Índias Ocidentais, recentemente descobertas. Nunca se soube ao certo o que aconteceu com as embarcações. Foram encontradas nas praias do Brasil, sem tripulação, da qual não restou vestígio. Não havia sinais de saques, de sangue, nada. Estavam intactas. Nenhum dos marinheiros ou seus corpos foram encontrados. Muitas lendas sobre monstros marinhos, o fim do mundo numa grande queda d'água, na qual desembocaria o Oceano Atlântico, foram aventadas para tentar explicar o mistério que cercava o desaparecimento da tripulação. Nada foi comprovado, nenhum rastro foi deixado. A tripulação desapareceu para sempre, nenhum sobrevivente.

Com as mãos trêmulas, o neto Martim Francisco estava prestes a descobrir a verdade pelas palavras de seu avô. A carta era escrita para o pai de Martim Francisco, o general Pedro Afonso, a quem Vasco de Magalhães chamava carinhosamente de meu amado Pedrinho. Descrevia uma tempestade em alto-mar tão violenta quanto aquela que o próprio Martim Francisco tinha acabado de enfrentar com seus homens.

Relatava baixas entre os marinheiros, tragados pelas ondas que invadiam o convés.

Descrevia, então, como foram salvos pela intervenção de um povo cintilante, com suas naus que percorriam nuvens e estrelas. Este povo, ao qual o capitão Vasco de Magalhães lançava os mais efusivos elogios, mostrou-se fraterno e solidário e levou-os para a bela galáxia de Zenaga, onde puderam estabelecer-se e firmaram laços perenes com eles, por casamentos entre os marinheiros portugueses e as donzelas ziradas. Sim, esta era a denominação daquele povo, os zirados da galáxia de Zenaga.

O Capitão Vasco de Magalhães aconselhava o filho a tentar criar uma rota comercial entre os portugueses e o povo das estrelas, ricos em metais e pedras preciosas em abundância na medida do Universo. Suas casas eram erguidas em ônix, mármore, esmeralda, rubi e safira. Chamava o filho à obra, para consolidar com os zirados os domínios de *El Rey* de Portugal.

Martim Francisco dirigiu-se ao estranho homem cintilante e perguntou:

— Tu falas português?

— Sim, capitão, meu nome é Zéfig, mas podes chamar-me apenas "Zé".

Martim Francisco levantou-se e abraçou "Zé" demoradamente. Tinha acabado de ler no pergaminho de seu avô Vasco que Zéfig era neto dele, descendente de uma união com Zalid, uma zirada muito formosa, conforme a descrição do pioneiro português das estrelas. Esta sua esposa estelar dera-lhe um filho, Zozys Antônio, pai de Zé.

— Meu caro primo! — Disse Martim

Francisco, olhando atentamente para Zé. \_\_ A quantos mundos estamos distantes de nossa amada Lisboa?

\_\_ Uma distância que tu não compreenderás tão cedo. É preciso que estudes as anotações que Dom Vasco deixou para teu pai, o pequeno Pedrinho. Ele dedicou muitos anos a estudar as ciências do povo zirado e compilou vários volumes para o entendimento dos descendentes. E para minha mãe, Zhyma, ele entregou uma compilação das ciências do planeta Bolota, para que os zirados pudessem entender o povo bolotense.

\_\_ Planeta Bolota? \_\_ Martim Francisco perguntou com espanto.

\_\_ Era como ele chamava o planeta de onde veio. Não é assim mesmo, Bolota?

\_\_ Nunca havia pensado nisso. Faz sentido, Bolota.

\_\_ Por ora, repousa. Podes acomodar-te neste leito. \_\_ Disse Zé , tocando uma placa luminosa na parede de metal, da qual saiu, como uma gaveta, uma cama de aparência confortável.

Zé diminuiu a intensidade das luzes do aposento com sucessivas palmas. Retirou-se discretamente.

Martim Francisco tinha dificuldade para dormir, apesar do intenso cansaço. Parecia que todos os seus músculos doíam. As pernas pareciam arrastar toras pesadas de madeira. Os pensamentos sucediam-se como rajadas de vento. Em poucos momentos, escapou de um naufrágio, salvou quase toda a sua tripulação, embarcou numa nau na rota das estrelas, descobriu o destino de seu avô desaparecido, encontrou um parente distante, de um mundo distante e cintilante e não

tinha a menor ideia para onde iria. Só tinha uma única certeza, não temia o que pudesse encontrar. Seu sangue aventureiro de ancestrais que, geração após geração, lançavam-se aos mares, pulsava , agora, aos céus e às estrelas.

Certamente prosseguiria a obra de desbravar e colonizar os mundos distantes , iniciada por seu avô, o capitão Vasco de Magalhães, o Dom Vasco , como disse o seu descendente zirado. Zé não percebeu, mas Martim Francisco considerou-o um testamento de seu avô muito mais eloquente do que aquele escrito no pergaminho.

Martim Francisco aprenderia, sim, todas as ciências do povo zirado com muito afinco. Levaria adiante a criação da rota comercial. Trabalharia pela colonização daquele mundo distante. O sangue português latejava em suas veias e este sangue haveria de correr nas veias do povo cintilante. Os varões zirados seriam destemidos como os portugueses. Não tinha dúvida de que este era o testamento de Vasco.

Não havia tempo a perder. Num movimento abrupto, ergueu-se do leito e andou em círculos pela sala. Mirou as paredes, a mesa e o báu sobre ela. Bateu palmas várias vezes e a intensidade das luzes foi aumentando. Aproximou-se da porta metálica e disse " abre-te sésamo" e a porta cindiu-se ao meio e abriu. Ele caminhou por um corredor onde havia várias portas fechadas que julgou serem outros aposentos. Chegou a um grande salão, onde havia um vitral enorme, do piso ao teto e da largura do semicírculo daquela parte da nau estelar.

Percebeu que voltavam para perto do planeta Júpiter. Podia ver melhor, à medida que a nau aproximava-se. As faixas de cor marrom escuro intercaladas pelas faixas esbranquiçadas da gigantesca esfera. A nau estelar acelerou um pouco e surgiu uma das grandes luas de Júpiter. Como uma bola de barro salpicada de pequeninas

pepitas de ouro, como se alguém tivesse feito vários furos e colocado uma vela acesa dentro, iluminando-os.

— Tu precisas descansar.

Martim Francisco virou-se ao ouvir a voz de Zéfig. Estavam sozinhos no grande salão.

— Não há meio de pregar o olho, Zé.

Diga-me, como pode ser tudo isto? Como podia meu avô viver em outro mundo? Afinal, o que são todos esses mundos?

Zéfig fez sinal para que Martim Francisco olhasse para o vitral.

— Estás vendo?

— Parece uma grande rocha lascada suspensa no ar. — Disse Martim Francisco.

— É um asteroide. É assim como um pedaço de um planeta que é lançado para fora ou de um choque entre dois ou mais planetas, ou entre um planeta e outro asteroide, ou...

— Entre dois asteroídes. — completou Martim Francisco.

— Isso mesmo. Como tu podes perceber, ele é muito, mas muito menor do que os planetas e as bordas são totalmente irregulares.

— E o que são os planetas? — Martim Francisco perguntou.

— Os planetas são pedaços de uma estrela que foram lançados para fora, grandes bolas de fogo que vão esfriando e esfriando e girando e tomando uma forma esférica.

— Mais uma vez, o que são as

estrelas?

— São gigantescas bolas de fogo, explodindo incessantemente, ardendo incessantemente e lançando grandes labaredas e faíscas e chumaços de matéria incandescente.

— Que vão esfriando e esfriando e girando e tornam-se esféricas e viram planetas que se chocam uns com os outros ou com pedaços jogados no espaço e surgem, então os asteroides.

— Isso mesmo. Disse Zéfig sorrindo.

— Eu temo que minhas perguntas nunca terão um fim, embora pareça que a resposta é sempre a mesma, mas, eu insisto em saber de onde surgiu esse fogo poderoso que criou as estrelas.

— As estrelas são formadas de poeira cósmica. Poesia espalhada por todo o Universo. São pequeninos grãos de todo tipo de elemento, que brilham pelo espaço e vão-se agrupando e agrupando e formam uma teia, ou uma renda, e aproximam-se cada vez mais uma das outras até ficarem bastante densas e, então, começam a explodir e explodir e lançar bolas de fogo no espaço, que vão girando e esfriando e...

— Formam novas estrelas e planetas e asteroides. Acho que já entendi.

— Capitão, os homens estão dormindo no refeitório. Devo chamá-los?

Martim Francisco virou-se ao ouvir a voz de Manuel. Ele tinha os olhos sonolentos, o cabelo desalinhado e um hálito

forte de bebida.

— Não, por ora. — Respondeu Martim Francisco. — Vamos, senta-te aqui. Quero que saibas que este homem das estrelas é, na verdade, meu primo, Zéfig, neto de meu avô Vasco.

Manuel curvou-se numa reverência breve e os três homens sentaram-se à mesa.

— Diga-me, Zé, como tu sabias que irias encontrar-me naquela determinada noite, no meio do mar? — Perguntou Martim Francisco com a testa fonzida.

Manuel começou a tossir e não conseguia parar. Quanto mais tossia, mais engasgava e curvavasse. Levantou-se, caminhou devagar, afastando-se da mesa em direção ao corredor. Martim Francisco percebeu a manobra e disse-lhe:

— Aonde vais?  
— Capitão, preciso fazer minhas necessidades. — Respondeu Manuel, apressando o passo até o corredor.

— Eu mostro onde podes fazer. — Disse Zéfig, acompanhando Manuel.

Depois de alguns instantes, os dois homens retornaram para o salão. Martim Francisco cismou que havia algum ajuste secreto entre eles.

— Capitão, meu avô, perdão, nosso avô, Dom Vasco, incumbiu meu pai Zozys António, de entregar aquela mensagem para o irmão na Terra, Pedro Afonso.

— Meu pai, falecido quando eu tinha quinze anos. — Completou Martim Francisco.

— Meu pai também faleceu, há muito tempo, um pouco antes de Dom Vasco. Minha mãe, Zhyma, temeu que algo pudesse acontecer comigo e guardou o baú, que eu encontrei por acaso, quando procurava os livros de anotações sobre o planeta Bolota. Quando li a mensagem, entendi que deveria ser entregue, não importando os obstáculos que deveria enfrentar. Convenci minha mãe a entregar-me tudo que havia em casa sobre Bolota e rumei ao encontro de meu tio Pedro Afonso, na missão de entregar-lhe a carta de Dom Vasco.

— E tu cumpriste com com êxito. —

Disse Martim Francisco, movendo as mãos numa espécie de reverência. Por que tua mãe temia que pudessess perecer? O que sucedeu com teu pai e Dom Vasco?

— Dom Vasco morreu por velhice.

Seus músculos foram enfraquecendo, sua pele tornando-se seca e enrugada e mesmo com todas as fórmulas que foram feitas para ele, afinal, sua vida extinguiu-se. Mas, tentando prolongar a vida do pai, Zozys António tentou misturar elementos que somente são usados pelos zirados e experimentou em si próprio antes de oferecer a Dom Vasco. Foi fatal.

Martim Francisco e Manuel abaixaram a cabeça num breve momento de respeito pelo passamento do pai de Zéfig.

— Depois de muito empo, encontrei os pergaminhos e vim ao encontro do planeta Bolota. Cobri-me com as vestes do Dom Vasco, ocultei minhas mãos com suas luvas e coloquei a capa com o capuz para que não percebessem meu rosto, pois não confiava muito na fórmula que o cientista fez para tornar-me branco como os bolotenses. Pedi para Zorid que me concedesse uma viagem na nave dos

zirados até Bolota.

— Quem é Zorid? — Perguntou Martim Francisco.

— É o tribuno de Zaus, o coordenador das galáxias. Eles são do povo zirado, o mais avançado, que conhecem muitos elementos do Universo e criam artefatos que percorrem todas as constelações. Como esta nave.

— O que faz um coordenador de galáxias? — Martim Francisco indagou com ar desconfiado.

— Existem diferentes mundos, com diferentes povos e, algumas vezes, havia conflitos e até mesmo destruição. O povo zirado usou seu avançado conhecimento para estabelecer um equilíbrio e manter os mundos em estado de tranquilidade. É isto o que Zaus faz.

— Onde está Zorid? — Perguntou Martim Francisco.

— Está na sala de controle da nave. No momento, a porta está fechada, não podemos falar com ele. Só quando ele vier até aqui.

— Tu ainda não me disseste como sabias que eu estaria naquele exato local no mar, no meio da tempestade. — Martim Francisco falou, olhando para Manuel com olhar desconfiado.

— Eu estava vestido como Dom Vasco e segui com Zorid nesta nave até o teu planeta. Segui os desenhos e anotações que estavam marcadas nos mapas e descii próximo à tua morada e Zorid seguiu com a nave para um campo e ocultou-se nas nuvens. Eu não

sabia como apresentar-me e , durante algum tempo, andei em torno da casa, esperando que encontrasse meu tio, que alguém o chamassem pelo nome, para que eu pudesse conhecer seu rosto.

— Foi então que eu vi um homem estranho perambulando em torno da casa e fui perguntar o que ele queria. — Disse Manuel , dirigindo-se a Martim Francisco.

— Não te esqueças de contar que colocaste uma adaga em meu pescoço. — Retrucou Zéfig.

— Manuel, eu confiava em ti mais do que em mim mesmo e tu não me falaste nada! — Disse o capitão indignado.

— Eu pedi para ele que não falasse. Queria eu mesmo encontrar os descendentes de meu avô Vasco e transmitir as mensagens. Manuel fez essa gentileza e informou-me que tu estavas em Leiria, acertando os preparativos para mais uma viagem ao Brasil. Mostrou num dos mapas de Dom Vasco a rota que iríeis seguir. Não atrairia muita atenção para a nave se eu te encontrasse no mar.

Martim Francisco virou-se para Manuel e segurou seu braço firmemente.

— Dize, de quantas gentilezas redondas de ouro estamos a falar, Manuel. As moedas do dinheiro universal soam como as moedas portuguesas quando caem sobre a mesa, ou o som é mais agradável?

— Misericórdia, capitão. Ele entregou-me o dinheiro que Dom Vasco disse que não teria mais serventia para ele lá no céu.

— Que grande engodo tu és!

— Quando fui encontrar-te no mar, iniciou-se uma tempestade e pedi permissão a Zorid para auxiliar.

— Então tu salvaste a tripulação por uma casualidade? — Disse Martim Francisco estupefato.

— Precisamente. Eu só iria entregar os pergaminhos e voltaria para casa, conforme prometi a minha mãe.

— Lembrei de uma coisa. — Disse o capitão, virando-se para Manuel. — As tuas moedas infames de corrupção foram tragadas pela ira da Natureza.

— Como sói acontecer, capitão. — Disse Manuel, suspirando.

Martim Francisco levantou-se da cadeira, cruzou as mãos e andou pelo grande salão de um lado para o outro. Tudo o que havia refletido após ler as palavras de seu avô Vasco parecia só ter sentido para ele. Aquele rapaz jovem como ele, e tão diferente dele, não tinha a menor noção de uma linhagem a ser criada no Universo pelo sangue lusitano e, ao que parecia, era indiferente à criação de qualquer rota comercial. Só queria voltar para casa depois de entregar uma carta, seguindo à risca as recomendações da mãe.

Tanto para entender e tão pouco tempo para tomar decisões e, pior das desgraças, muito menos tempo para explicar para o parvo cósmico o valor do ouro e das pedras preciosas.

— Tu leste nos pergaminhos que Dom Vasco tentava criar uma rota comercial entre o povo zirado e os nosso povo na Terra...

— Não! Eu jamais li os pergaminhos, apenas o início da carta. — Interrompeu Zéfig indignado.

— Quando percebi que se tratava de uma mensagem pessoal, enrolei o pergaminho e empenhei-me para que chegasse às mãos de Pedro Afonso. Entreguei-a para ti porque és o herdeiro. Nunca leria a mensagem, seria uma interferência abominável.

— Sem dúvida, seria. E tu não cometarias tal indignidade, perdoa-me. — Interveio Martim Francisco. — Dom Vasco escreveu para meu pai acerca da criação de uma rota comercial entre nós e o povo zirado.

— O povo zirado produz tantos artefatos com infinitas utilidades e tão belos que não me parece que estejam interessados no que seja produzido em Bolota.

Martim Francisco sentiu como se uma adaga tivesse atravessado seu estômago. Aquele ser lilás, que nem sequer era humano, desprezava-o de forma tal como se fosse igual aos índios do Brasil, atrasados na produção de instrumentos. Ele tinha que levar a cabo o projeto de seu avô e mostrar àquele povo indolente, que só usava um dos sons do alfabeto, a iniciativa lusitana.

— Talvez eles tenham interesse nas nossas obras de arte. — Disse, calmamente, contendo, a duras penas, toda a ira que lhe causaram as palavras de Zéfig.

Dirigiu-se até o enorme vitral cristalino e observou os planetas e as estrelas. Apontou para um astro que rasgava o céu.

— Veja, Manuel, uma estrela cadente. — Disse o capitão, sorrindo como criança.

— Na verdade, é um meteorito. — Zéfig falou. — É um pedaço de um asteroide ou de um planeta que se

chocou com outro planeta e lançou um pedaço no espaço, que foi esfriando e esfriando e...

— E foi girando em torno de outro planeta.

— Completou Martim Francisco impaciente.

— Não. O meteorito não gira em torno de nada, ele é lançado após um choque qualquer e viaja pelo espaço em alta velocidade e, quando encontra a superfície de outro astro, incendeia e tu vês como se fosse o brilho de uma estrela. — Disse Zéfig, como um professor a seu aluno. — Olha, vês aqui, a Lua. Percebe estes grandes buracos? Foram feitos por meteoritos que caíram na Lua há muito tempo. No teu tempo de vida, há bilhões e bilhões de anos.

— E por que nunca caem na Terra?

— Manuel perguntou.

— Por pura sorte. — Martim Francisco respondeu. — Diga-me, Zé, não existe no Universo nenhum tipo de poeira cósmica que viaje sossegada, elegante?

— Existe, e além disso tudo que tu dissesse, é também muito bela. É a chuva de meteoros. São como pequeninos grãos de poeira cósmica muito brilhantes que viajam como nuvens e, quando, por exemplo, se encostam com a superfície da Terra, desintegram-se em grãos ainda menores e brilhantes e caem como chuva. E são muito benéficos para a chuva de água do teu planeta. Tu nunca viste?

— Não.

— Capitão, devo chamar os homens agora? — Perguntou Manuel.

— Vamos lá, preciso falar com eles.

— Martim Francisco respondeu, erguendo-se e dirigindo-se para o corredor.

## C A P Í T U L O     I I

Os marinheiros ainda dormiam quando Martim Francisco e Manuel entraram no refeitório. Um a um foram sendo despertados por Manuel e colocavam-se em pé diante do capitão. Martim Francisco fez sinal para que se alimentassem e os homens serviram-se do leite e alguns pães colocados sobre a grande mesa.

Alguns minutos depois, Manuel falou para todos ouvirem em silêncio o que o capitão tinha a dizer. Tratava-se de assunto de grande importância.

— Como todos sabem, sou o neto do grande navegador Vasco de Magalhães, que desapareceu com sua tripulação sem deixar vestígio há muitos anos atrás. Tivemos a confirmação, por documentos de próprio punho de meu avô, de que ele e seus homens atingiram um novo mundo para além do Brasil, muitíssimo mais rico em ouro e pedras preciosas do que as Índias. Este mundo fica a muitas e muitas léguas e só se pode alcançar navegando pelo ar. Não conhecemos este tipo de embarcação, por isso nos assustamos com esta nau que se aproximou de nós em meio à tormenta no mar. E que nos salvou. Dito isto, a pergunta que faço é muito simples. Quantos querem seguir viagem comigo e Manuel e quantos querem retornar para Lisboa?

— Capitão, eu nada tinha em Portugal, nem casa, nem família. Segui para as Índias em busca de uma vida um pouco digna. — Disse um marinheiro de meia-idade. — Eu não tenho razão

para voltar e, se o novo mundo é tão rico assim, haverei de melhorar minha condição.

Os marinheiros entreolharam-se e conversaram durante alguns instantes. Na verdade, todos estavam na mesma situação. Alguns até tinham deixado dívidas paraatrás, sem falar nos foragidos por atentarem contra a lei que, certamente, jamais tornariam a pisar no solo de Lisboa.

— Acredito que todos pretendem seguir conosco, Capitão. — Disse Manuel.

Os homens assentiram com a cabeça e Martim Francisco despediu-se e saiu do refeitório. Seguiu pelo corredor à procura de Zéfig. Queria saber quanto tempo a nau permaneceria parada entre a Lua e Marte até seguir viagem para Zenaga. Uma das portas fechadas no corredor abriu-se subitamente e ele viu um homem de cabelo dourado, como fios de ouro, a barba igual, olhos negros como ônix, muito alto, vestindo uma roupa sem adornos, uma camisa que se prolongava sem divisões até as pernas, abrindo-se numa calça. A pele era como uma pérola.

— Tu és Zorid? — Martim Francisco perguntou.

— Sou.

— Capitão, Zéfig pediu para levá-lo até o grande salão. Ele quer mostrar alguma coisa. — Disse Manuel, fazendo uma reverência discreta ao aproximar-se de Zorid.

Os dois homens foram para o salão e Zéfig fez sinal para que se aproximassem do vitral.

— Olha, capitão, é um cometa. — Disse Manuel, maravilhado.

— É belo, muito belo.

— Capitão, tu e  
teus homens já estão prontos para retornar ao planeta? — Zéfig perguntou.

— Meu caro primo, estive a pensar  
nas palavras de meu avô Vasco....

— Nosso avô Vasco, Capitão.  
Não te esqueças de que também sou neto dele.

— Certo. Como eu estava a  
falar, Dom Vasco tencionava criar uma rota comercial entre nós e teu povo.  
Tu não tens ideia da importância desse anseio para ele porque não leste a  
mensagem dos pergaminhos, por seres tão discreto e digno e fidalgo e leal.

Manuel abaixou a cabeça, tentando  
conter uma risada a todo custo. Observava Martim Francisco conduzir a  
conversa para convencer Zéfig a levá-los para Zenaga. Depois que o capitão  
terminou de falar, olhou fixamente para Zéfig, esperando sua resposta.

— Capitão, eu não posso decidir isso. Quem  
conduz a nave é Zorid. Ele só me trouxe até este planeta para entregar as  
mensagens e voltar. Nada mais.

— E eu poderia falar com ele  
sobre o assunto? — Perguntou Martim Francisco.

— Vou chamá-lo.  
Manuel e Martim Francisco foram até  
o vitral. Estava encantados com as formas brilhantes das muitas estrelas que  
eles só conseguiam ver ali. Nunca, em nenhum outro lugar do mar ou da  
terra, tinham visto tantas e tão belas. Muito tempo se passou até que Zéfig  
retornasse.

— Então, Zé, falou com ele? — O capitão

perguntou.

— Ele disse que não haverá problema, desde que tu e teus homens fiquem nas regiões que eram de Dom Vasco, sob a coordenação dos zirados. Desde que aceitem Zaus como coordenador.

— Aceitamos sem qualquer reserva. Queríamos, tão-somente, um breve retorno à Terra para tratar de assuntos que não podem permanecer pendentes em nossa prolongada ausência.

— Será acertado. — Disse Zéfig, saindo pelo corredor.

Manuel gritava, esperneava, abraçava Martim Francisco. Iriam até o mundo brilhante, cheio de ouro e pedras preciosas e ficariam ricos e construiriam palácios para morar entre paredes de esmeraldas e escadas de rubis.

— Acalma-te, homem. Ainda há muito por fazer. — Disse o capitão para o eufórico Manuel.

— Capitão, o que há para ser tratado na Terra antes da viagem até Zenaga?

— Preciso entregar algumas mensagens para minha mãe e um amigo da família. Há muitas instruções nos pergaminhos que devem ser entregues aos estudiosos da navegação. Existem mapas do céu também.

— Capitão, chegamos ao fim do mundo e ele não termina numa enorme queda d'água. O mundo termina no começo do Universo.

— A visão constante dessas estrelas está a tornar-te um poeta. — Martim Francisco falou rindo.

A nave aproximou-se da Terra e eles

puderam ver o azul do mar e foram penetrando nas nuvens. O salão escureceu. Luzes surgiram no teto e piscaram incessantemente. Sentiram uma forte vibração. Durou apenas alguns instantes, mas eles sentiram um tremor que subia e descia da cabeça até os pés e parecia não ter fim. Continuaram a sentir mesmo quando a nave parou sobre o mar e eles viram pelo vitral baleias surgindo e desaparecendo em meio às ondas.

— Capitão, preciso ir fazer minhas...

— Vai-te. — Respondeu Martim Francisco, procurando a garrafa de vinho pelo salão. Retornou ao vitral com uma taça na mão. A nave avançava suavemente sobre o mar, mas a velocidade era muito maior do que a da caravela. Não tardou para alcançar uma ilha que Martim Francisco tinha acabado de avistar ao longe. O capitão teve uma breve visão de coqueiros e de um pequenino barco encalhado na praia. Novamente o mar passou por debaixo da nave. Martim Francisco sentiu alguém tocar em seu ombro.

— Capitão, podes mostrar o melhor lugar para ocultar a nave. — Disse Zéfig, com uma mapa nas mãos.

Martim Francisco reconheceu a costa portuguesa, o Mar Mediterrâneo e o norte da África. Apontou para o Algarve.

— Vamos aportar aqui, em primeiro lugar. Vou encontrar um amigo da família e entregar-lhe os pergaminhos com os mapas das estrelas e outras anotações de Dom Vasco.

Zéfig retornou para a sala onde Zorid comandava a nave, levando o mapa. Manuel retornou ao salão e perguntou se os marinheiros deveriam aprontar-se para descer no Algarve.

— Entope todos de vinho. Só eu descerei.

Vou ter com Joaquim Duarte.

— Aquele que trabalha para a Casa da Guiné e da Índia?

— O próprio. Vou entregar os mapas e descrever tudo o que vimos para que ele tome apontamentos e passe adiante as informações.

A nave aproximou-se de um campo aberto e desabitado. Zéfig chamou Martim Francisco para a saída. Ele carregava uma espécie de trouxa feita de um material dos zirados que o capitão não conhecia. Os pergaminhos estavam dentro dela.

Martim Francisco aproximou-se de um nicho dentro do corredor. Podiam-se ver as árvores e a relva no piso aberto, passando lentamente abaixo. Sentiu uma brisa morna subindo e deleitou-se com o cheiro da terra. Zéfig pediu para que ele recuasse um pouco, pois precisava acionar a escada. Martim Francisco jogou a trouxa pela abertura do piso.

— Não é necessário. — Disse o capitão, pulando para o chão, diante do olhar espantado de Zéfig.

Martim Francisco caminhou vagarosamente até uma casa grande, cercada por árvores e bateu palmas diante da porta. Veio atender um homem idoso, de mais de sessenta anos, gordo, calvo, muito mais baixo do que o capitão. Trazia uma caneca nas mãos.

— Que visita inesperada, Martinho! Disseram que tu havias partido para o Brasil. — Disse Joaquim Duarte. — Entra, vamos beber uma taça de vinho.

— Há muito para falar-te, Joaquim. Trago estes pergaminhos da lavra de meu avô, um verdadeiro tesouro sobre as

rotas do céu.

— Vasco desenhou mapas do céu?

— Estão aqui. Escuta-me com atenção.

Pensarás que ensandeci, mas é tudo verdade e tu poderás constatar por estas anotações.

O Capitão passou algumas horas relatando a Joaquim Duarte sua ida até o espaço , a conversa com Zéfig e tudo mais. Pediu ao ancião que levasse as notícias aos outros navegadores.

— Os tempos estão incertos, Martinho.

Com o trono de Portugal em disputa entre Dom António e o Felipe espanhol, devemos ser prudentes. Aclamaram Dom António em Lisboa, mas o espanhol atravessou a fronteira e rumava para lá com suas tropas, muito mais preparadas do que as das cidades que, na verdade, não têm exércitos. Manifestam apoio a Dom António, reconhecem como rei. E só. É apoio de boca.

— Tu achas que deveríamos guardar esses mapas e anotações em segredo?

— Se tiveres alguma dúvida, pensa, por um instante, no que os bispos diriam de alguém que afirmasse ter saído da Terra, numa nau voadora, e tivesse confirmado que ela é redonda e viajasse por entre as estrelas, em companhia de um primo lilás com olhos de safira, emoldurados por sombrancelhas cor púrpura.

— Sinto o cheiro de carne queimando.

— A galinha está pronta. Venha, Martinho, vamos ceiar.

— Joaquim, tu pensas que Felipe, se assumir o trono de Portugal, vai subjugar-nos ao domínio de Espanha?

— Comenta-se que os nobres estão a fazer

acordos secretos com o espanhol para deixar a cargo dos portugueses os assuntos administrativos e financeiros do reino. Também querem que o Vice-Rei seja um português e que não se façam alterações nos empregos do exército, e, enfim, de todas as funções do governo. Que fique tudo como sempre esteve. Se o espanhol aceitar, como parece que aceita, apoiarão como rei.

— E os comerciantes? O que pensam disso?

— Nestes acordos secretos também são exigidos monopólios para os portugueses do comércio com a Índia e a Guiné. Devem acabar com os impostos, todos eles, e permitir que as mercadorias circulem livremente entre Portugal e Espanha.

— Se é como dizes, interessa a todos que Felipe assuma o trono. — Disse o capitão, segurando uma coxa de galinha com as mãos.

— Interessa enquanto mantiver os acordos, mas penso que, a uma certa altura, os impostos tornarão a aumentar e não acredito que a riqueza trazida das colónias seja inesgotável.

— Achas que devemos puxar a brasa para a nossa sardinha? — Martim Francisco falou, erguendo uma taça de vinho.

— Temos que ser cautelosos para manter nossa independência. Quero mostrar-te alguns mapas que copiei na Casa da Guiné.

Martim Francisco seguiu Joaquim até outro aposento repleto de pergaminhos sobre duas mesas grandes. Em cima de uma delas, estava uma longa haste de madeira, uma balestilha. Olhou com a vista esquerda o pequeno orifício de madeira na ponta da haste e moveu um bastão encaixado no meio para a frente e para atrás.

— Joaquim, vendo este instrumento que todos nós usamos, desde que o mundo foi criado, para encontrar nossa localização no mar, medindo somente os ângulos dos astros com o horizonte, sinto-me miserável. Aqueles seres têm instrumentos quase mágicos. Olham o Universo por vitrais que ampliam em muitas vezes o tamanho dos planetas e das estrelas.

— Tenho um amigo de Florença que está trabalhando numa lente igual. Não tardará a usarmos tais instrumentos.

— E todo o resto? As naus que voam, a rapidez da viagem, o conhecimento dos elementos. E nós com estes barcos de madeira, empilhados no convés, famintos, doentes.

— E dessa maneira, tu cruzaste o mar diversas vezes e venceste incontáveis tormentas. Alguém com a tua coragem, não precisa de muito mais do que isso.

Joaquim Duarte desenrolava os pergaminhos e olhava rapidamente, separando alguns sobre a mesa.

— Olha estes. — Disse, entregando três pergaminhos para o capitão.

Martim Francisco surpreendeu-se ao ver os mapas com datas de 1350, 1367, 1387, onde se via uma ilha, no Oceano Atlântico, ao sul do equador, marcada com o nome de *Bracir*, em outro mapa *Brazil* e, no último, *Insula Brazi*.

— Desde quando era conhecida a localização do Brasil?

— Martinho, o que tu me disseste sobre o povo das estrelas eu já sabia. O teu avô foi salvo pelos zirados porque eles acompanhavam a embarcação para garantir a chegada ao Brasil

de um marinheiro que viajava na esquadra de Vasco. Ele fazia anotações regularmente e entregava para o povo zirado em troca de mapas de toda a Terra, muito detalhados, que os zirados poderiam fazer do alto de sua nave.

— Que tipo de anotações o marinheiro fazia?

— Sobre os nossos costumes. Os zirados queriam conhecer. Agora, presta atenção, sempre houve muito sigilo nos assuntos das descobertas de terras novas, pois, como tu bem sabes, elas representam muitas riquezas, pelo comércio das especiarias, pelo ouro, e tudo o mais que vier a ser encontrado. Sempre existiram espiões dos genoveses na Casa da Guiné para copiar nossos mapas e chegar antes de nós às Índias Ocidentais e apoderarem-se das terras. O rei só pode confiar em poucos fidalgos que lhe são leais. Nesse momento, como nós podemos confiar no rei?

Martim Francisco ficou pensativo. Bebeu mais um pouco de vinho e andou pela casa. Saiu para ver se a nave estava por perto. Não se via nada na escuridão além do luar, uma bela lua cheia, tão distante.

— Martinho, o que devo fazer com os pergaminhos? — Perguntou Joaquim parado em frente à porta da casa.

— Tu decides o que considerar melhor.

Caminhou por algum tempo em torno da casa e avistou as luzes da nave. Despediu-se de Joaquim com um forte abraço demorado. Postou-se sob o fluxo de luz que vinha da nave. Seu corpo foi-se tornando um vulto brilhante e desapareceu.

Não demoraram para chegar à casa de Martim Francisco em Lisboa. A nave permaneceu imóvel muitas

légulas acima das nuvens. Manuel e Martim Francisco foram transportados pelo feixe de luz. Estavam num campo que pertencia a um amigo do capitão. Manuel pegou dois cavalos com cuidado para não acordar os camponeses.

— Podemos ir, capitão?

— Avante.

Cavalgaram por mais de uma hora até chegarem à casa. Entraram pelos fundos e Manuel foi ver se havia comida sobre o fogão. Martim Francisco dirigiu-se ao aposento de sua mãe e bateu na porta.

— Sou eu, mãezinha, Martim.

Dona Catarina acordou assustada. Seu rosto muito redondo estava inchado pelo sono. Tinha os mesmos olhos azuis de Martim Francisco, sua silhueta era redonda e, assim, rolou para o lado esquerdo e saiu da cama. Abriu a porta muito alegre.

— O que sucedeu? Tu voltaste antes do tempo.

— Mãe, tenho muitas notícias sobre nossa família.

Vamos descer, Manuel está lá embaixo.

Martim Francisco precisou de muita paciência para explicar a Dona Catarina cada detalhe do passeio pelas estrelas e sobre a outra mulher que seu avô Vasco tomou como esposa, a formosa Zalid, além da cunhada de sua mãe no espaço, a tal Zhyma, viúva do filho de Vasco, o tal Zozys António.

Depois que Manuel ajudou a explicar sobre os planetas e a poeira cósmica, pareceu que Dona Catarina aceitou melhor as novidades.

— Bem, mãezinha, eu pedi que me trouxessem aqui porque, na verdade, eu queria despedir-me. Não sei para

onde vou, não sei se volto, peço que me abençoes.

Os olhos de Dona Catarina ficaram cheios de lágrimas. Abraçou o filho fortemente. Manuel afastou-se, deixando-os a sós.

Não demorou muito tempo para que Martim Francisco subisse as escadas a caminho de seu aposento. Estava exausto e precisava dormir muito. Dona Catarina foi preparar uma refeição quando já estava quase amanhecedo. Manuel seguiu-a e observava-a colocando as panelas no fogão, misturando geleias, ajeitando canecas.

Enquanto ela lavava algumas tigelas numa tina, ele segurou sua cintura e beijou seu rosto.

— Que saudade! — Ela disse.

— Os dois beijaram-se, mas ela logo esquivou-se, olhando em volta.

— Não te perocupes, teu filho estava havia mais de um dia sem dormir. Não vai levantar tão cedo.

— Manuel, tu não consegues demovê-lo desta ideia de partir para as estrelas?

— Acalma-te, eu estarei ao lado dele todo o tempo. Cuidarei do teu filho. E se existirem tantas riquezas, como parece que realmente existem, isso só trará benefícios para a tua família e todas as gerações que ainda estão por vir.

Abraçou-a novamente e os dois foram para um pequeno aposento nos fundos da casa, uma espécie de depósito de todo o tipo de objeto.

Por volta do meio-dia, Martim Francisco levantou-se e encontrou Dona Catarina terminando de preparar um leitão

assado que ele comeu avidamente. Conversaram por alguns minutos e ele saiu.

Caminhou sem parar até uma casa um pouco distante, onde a cidade já terminava. Havia um grande campo atrás da construção. Martim Francisco percorreu uma trilha por entre arbustos e viu uma bela moça alimentando gansos com milho. Era Leonor, uma jovem loira de olhos cor de mel. Ele foi ao encontro dela.

— Pensei que só voltarias no fim do ano. — Disse Leonor, levantando-se do chão.

— Tenho tanta coisa para dizer-te.

Martim Francisco já estava um pouco enfadado de repetir a mesma estória e olhar as mesmas expressões de espanto e ouvir os mesmos comentários sobre seu passeio nas estrelas. Tinha certeza das palavras que Leonor diria quando ele terminasse de falar.

— Por quem me tomas? — Falou Leonor.

— Tu não acreditas?

— Queres levar-me contigo para o Brasil e pensas que me iludes com esta conversa de estrelas e ouro e pedras preciosas. Ora, Martim.

Leonor foi em direção aos fundos da casa.

Uma área sem paredes apenas com uma cobertura feita de estacas de madeira suspensa por pilares de pedras, lugar onde ela cozia os alimentos. Sobre um grande bloco de pedra ardia a brasa acesa que aquecia um nicho também modelado em pedra, onde estavam sendo assados alguns pães. Martim Francisco seguiu-a. Sentou-se num banco em frente a uma grande mesa de madeira grossa, lascada, repleta de cestos com farinha, ovos, e um jarro grande de leite.

Leonor retirou punhados de farinha do cesto e salpicou sobre a mesa. Trouxe água de uma bilha e jogou sobre a farinha. Misturou com as mãos aquela pasta pegajosa. Várias vezes amassou e colocou um pouco mais de água. Aos poucos, foi modelando pedaços da massa entre suas mãos, girando em cima e embaixo até que se formaram bolinhas que ela colocou em fileira numa bandeja.

Martim Fancisco viu alguns pães que ela tinha acabado de retirar do forno. Havia fumaça em torno da bandeja. Ele estendeu a mão para pegar uma das broas achatadas, em forma de bola murcha. Era de uma cor amarela. Ele abriu a broa e viu a substância porosa em seu interior.

— Queres manteiga? — Leonor perguntou, misturando mais farinha com alguns ovos que ela tinha acabado de quebrar e misturar numa tigela.

— Não. — Respondeu o capitão. — Leonor, é verdade tudo o que eu te disse. Se quiseres ir comigo, voltarei hoje à noite para falar com meu pai e nos casamos amanhã mesmo.

— Se tu tens tanta urgência em partir para o Brasil e me queres contigo, está certo, eu irei. Mas não venhas com esta estória de estrelas. Tu vais levar-me para viver entre os índios. E eu sei que vou gostar.

Martim Francisco pegou mais alguns pães que ela retirou do forno. Havia uma espécie de bolinho, com a superfície brilhante. A massa era mais densa do que a dos outros. Tinha um recheio de linguiça. Arrastou-se pelo banco até o canto da mesa e viu um bolinho redondo, recoberto por um pó branco e esverdeado. Partiu o bolinho com as mãos e viu alguns pequenos vermes movendo-se por entre os poros da

massa.

— Nunca viste uma bolota embolorada?

Martim Francisco sorriu e seu rosto iluminou-se. Seus belos olhos azuis brilhavam como o mar refletindo os raios do sol.

— Voltarei à noite com minha mãe.

Caminhou pela cidade bem devagar, observando o trabalho dos mercadores, do ferreiro. Via as pessoas andando de um lado para o outro. Deteve-se alguns instantes, observando um cavalo bebendo água. O céu estava acinzentado, um vento frio soprava e ele estremecia. Pisou num monte de bosta de cavalo, esfregou a sola da bota várias vezes até que saísse. Viu um rato entrando numa casa.

No dia seguinte, Dona Catarina levantou-se antes do alvorecer para ajudar o filho e Leonor nos preparativos para as vestimentas que iriam usar no casamento. Logo depois, partiriam rumo às estrelas.

Ele retirou todos os seus vestidos, guardados em três báus grandes, e espalhou pelo chão para verificar se necessitavam de algum reparo. Deveria apressar-se, pois Leonor precisava de sua ajuda para arrumar-se. Órfã de mãe havia quatro anos, seu pai, Dom Bartolomeu, permaneceu viúvo e Leonor cuidava da casa sozinha, mas em seu casamento, ainda que realizado sem cerimônia nem comemoração, devia apresentar-se com esmero e, sozinha, não conseguiria vestir todas as peças do vestuário.

Dona Catarina segurou um vestido que tinha usado, havia vinte anos, no casamento de seu irmão. Colocou uma anágua ao lado do vestido. A anágua era feita com arcos de arame e algumas

barbatanas de baleia em pedaços cada vez maiores à medida que desciam para a barra.

Ela escolheu um vestido acolchoado com crina de cavalo , revestida com tecido de cetim cor de pérola. O decote quadrado era enfeitado nas bordas com pele de lobo. Dona Catarina olhou várias vezes para a beca de veludo vermelho , com mangas bufantes até o cotovelo. Não se usavam mais cores vibrantes, o que estava em moda, naqueles dias, eram as cores sóbrias, muitos vestidos pretos. Ela sentia saudade do tempo das roupas coloridas, dos adornos extravagantes e das joias costuradas aos trajes.

Refletiu por alguns momentos e decidiu-se a preparar um vestido muito colorido e ricamente adornado com pérolas e tudo o mais para Leonor usar no casamento e na viagem às estrelas.

Não tinha a menor importância a moda de Lisboa no novo mundo. Leonor chegaria em Zenaga com aparência tão vibrante e requintada que seria imitada pelas ziradas e lançaria uma nova moda. Pôs-se, então, a trabalhar no vestido da noiva.

Eram nove horas da noite quando a nave aproximou-se do campo de oliveiras de propriedade de um amigo de Martim Francisco. Estavam lá, para a despedida dos recém-casados e de Manuel, o pai de Leonor, Dom Bartolomeu e Dona Catarina.

Manuel trajava uma espécie de jaqueta de lã verde clara, com mangas compridas bordadas até a altura dos punhos lisos e estreitos, por onde se podiam ver as pregas da camisa de baixo. As pregas da gola da camisa também contornavam as bordas da jaqueta em volta do pescoço. A jaqueta era fechada por uma fileira de botões como pequeninas

bolinhas que desciam até a cintura, de onde, inflado como a vela de uma nau ao vento, surgia o calção de veludo vermelho com listras de cetim amarelo, que terminava acima dos joelhos. As pernas eram recobertas até os pés por meias de tricô púrpura. Usava sapatos de couro com bico de pato e carregava nas mãos uma capa de veludo azul.

Martim Francisco vestia uma roupa que Dona Catarina costurou especialmente para sua viagem às estrelas. Atendendo ao desejo do filho, ela fez sua roupa com veludo preto. Um colete de veludo preto fechado por botões até a cintura. O calção largo, porém sem goma, nem barbatanas, movia-se em pregas que se formavam naturalmente no veludo preto liso que se estendia até um pouco abaixo dos joelhos. As pernas foram cobertas até os pés por meias pretas de tricô. Calçava sapatos de veludo preto com sola de couro. Sob o colete, vestia uma camisa de cetim verde escuro e, sobre o traje, uma beca de veludo preto, que descia até a altura dos joelhos, com mangas bufantes até os cotovelos. Um alfinete de ouro prendia as duas extremidades da beca na altura do pescoço. Uma boina de veludo preto, adornada nas bordas por uma fita do mesmo cetim verde escuro da camisa, emoldurava o belo rosto de Martim Francisco. Trazia entre os dedos da mão direita um lenço de linho.

Leonor usava um vestido de tafetá verde sem decote que descia em pregas da altura dos ombros até os pés. Sem anágua, totalmente solto, o tecido puro só era preso na cintura por uma faixa trançada com cordões de pérolas. Os cabelos loiros foram arrumados numa longa trança adornada com pequeninas flores do campo. Brincos de esmeraldas escoltavam seu rosto. Leonor parecia uma deusa grega. Trazia na mão esquerda um lenço de renda e, jogada sobre os ombros, uma capa de veludo verde.

As despedidas foram breves. Nenhum deles queria correr o risco de arrepender-se e retornar à vida costumeira na Terra. Dona Catarina esforçou-se muito para não chorar, mas quando a nave parou sobre eles, ela soluçou sem parar. Dom Bartolomeu abraçou-a e acenou para os três, impelindo-os a partirem.

## C A P Í T U L O      I I I

Zéfig estava ao lado de Leonor em frente ao vitral do salão principal. Mostrava os planetas e as estrelas, explicando sobre a poeira cósmica e a formação dos asteroides e outros corpos celestes.

Leonor estava deslumbrada com o brilho e a imensidão do Universo. Tentava absorver as medidas gigantescas, mas as léguas terrestres eram insignificantes para cobrir o tamanho e a distância dos astros do céu. E quando Zéfig falava da idade dos planetas, a medida de uma vida parecia um breve instante.

— Como os planetas ficam assim, suspensos no ar? — Leonor perguntou.

— Tudo o que existe feito de qualquer substância é atraído por uma força para outro corpo celeste com matéria maior. Essa força depende da quantidade de matéria que um corpo tem. No caso de Bolota, que tu chamas de Terra, tudo o que existe lá — montanhas, oceanos, árvores, animais, pessoas — é atraído para o centro da Terra, porque a Terra tem muita matéria e atrai os outros corpos menores para o seu centro.

— E os outros planetas têm

essa força e atraem a matéria que está por perto?

— Isso mesmo.

Leonor tornou a olhar para o vitral, admirando as estrelas. Zéfig tinha-lhe dito que a poeira cósmica ia-se agrupando até formar uma esfera quente que, afinal, passava a explodir e tornava-se uma estrela.

— Se uma estrela explode e gera energia e explode de novo e gera mais energia, o que acontece se não explodir mais?

— Na verdade, a cada explosão, a estrela vai ficando mais fraca para gerar uma nova explosão. Chega um dia em que a força que atrai a matéria para o centro fica mais forte e prevalece, aos poucos, sobre a força que gera a explosão. Aí, a temperatura da estrela aumenta muito e o centro dela fica cada vez mais quente. As bordas da estrela vão inchando, aumentando muito de tamanho. E a estrela vai por cima dos planetas que giravam em torno dela, engolindo tudo. E fica muito grande e vermelha. Daí, as explosões não têm mais força, a temperatura vai diminuindo e a força da gravidade atua com mais intensidade. A matéria é atraída para o centro cada vez mais comprimida. A estrela diminui de tamanho, o brilho fica menos intenso. Ela fica quase uma anã comparada com as outras estrelas. E a luz que se irradia dela é muito branca.

Leonor estava atordoada. Pensava no Sol engolindo a Lua e a Terra. O fim do mundo.

— Quando o Sol vai engolir a Terra?

— Pela tua medida de vida, daqui a bilhões de anos. Acalma-te. Olha, quero mostrar-te astros mais interessantes. Vês ali? Aquele bem pequenino. Vês?

Leonor olhou com atenção para o local apontado por Zéfig e viu uma espécie de estrela em miniatura.

— É um quasar. — Disse Zéfig. É como uma pequenina estrela, mas tem a energia da mesma intensidade de várias estrelas gigantes juntas, ou mesmo de várias galáxias juntas.

— Como isto é possível?

— É o mistério da intensa energia dos corpos reduzidos. E essa energia do quasar emite micro-ondas de maneira muito instável.

— Olha outro quasar ali! — Leonor, disse, apontando para outro ponto luminoso.

— Na verdade, é um pulsar. Também é como uma estrela diminuta, também emite ondas, mas é sempre como um relógio. Cada onda emitida é seguida por outra por um período de tempo igual. Por exemplo, alguns pulsares emitem ondas trinta vezes por segundo, ou seja, a cada dois segundos uma onda surge. Outros pulsares emitem ondas cem vezes por segundo.

— É tudo maravilhoso. — Disse Leonor com os olhos brilhando. Estava emocionada. — Não sei quanto tempo vai ser necessário até que eu comprehenda.

— Estás preparada para ouvir sobre os buracos negros?

— Onde é que tem buraco no Universo? — Leonor perguntou rindo.

— Onde menos se espera. — Zéfig falou, dirigindo-se à mesa para pegar uma cadeira para Leonor. Ela sentou-

se e ele prosseguiu com suas explicações.

— Existem muitas estrelas em pares. A estrela tem uma companheira e a força de atração das duas faz com que girem sempre perto uma da outra. Às vezes, uma delas vai-se apagando como uma anã branca, mas fica muito densa e, aí, a força da gravidade da estrela é tão intensa que puxa tudo para o centro, inclusive a luz, que não consegue sair. Se a luz não sai, nós não conseguimos enxergar a estrela, mas ela está lá, então fica como um buraco negro.

— Temos que tomar cuidado com estrelas que andam sempre juntas.

— Acontecem buracos negros com mais frequência em sistemas binários de estrelas. Mas também podem acontecer com estrelas isoladas.

— E se alguém cair nesse buraco negro? — Perguntou Leonor assustada.

— Como a atração da gravidade da estrela é muito forte, nada retornará se cair no buraco negro. Alguns podem ter uma abertura muito grande e uma profundidade estreita, assim como se fosse um funil. Tudo que entrasse pela abertura seria esmagado no funil.

— Estás querendo apavorar-me?

— Não, Leonor, só dizer-te a verdade.

Os buracos negros também podem ser muito engraçados.

— Como assim?

— Alguns buracos negros podem ter uma abertura muito grande e, dentro deles, uma profundidade mais larga ainda, onde as leis do Universo não são obedecidas. Existem leis próprias,

que mudam a todo instante e totalmente contraditórias, que produzem efeitos impervisíveis. É uma singularidade onde tudo é possível.

— De que forma?

— Se a Terra gira em torno de si mesma em vinte e quatro horas, existe o dia e a noite. E isso acontece há bilhões de anos e vai acontecer por outros bilhões de anos.

— E o que é diferente no buraco negro?

— No buraco negro, como tudo pode acontecer, uma poeira cósmica pode formar uma outra galáxia inteira como esta em que nós estamos. Poderíamos estar dentro de um buraco negro.

— Quando tu falaste que qualquer coisa poderia acontecer no buraco negro, eu pensei em coisas fantásticas.

— Também podem acontecer coisas fantásticas. Mas o mais importante num buraco negro não é o que tem dentro dele. O importante é um túnel que pode passar através dele assim como o que chamam no teu planeta de buraco de minhoca.

— Como é que é?

— Esse túnel conduz de uma galáxia a outra muito distante em questão de minutos da tua medida de tempo.

— É assim que estamos a viajar?

— Não, o sistema de viagem da nave dos zirados é outro. Eles conhecem o equilíbrio entre a matéria e a velocidade e produzem um tipo de energia que se desloca na velocidade que eles querem para qualquer lugar. Eles têm total controle sobre isso.

— E só eles sabem fazer a nave viajar assim?

— Exatamente.

— E por que os outros não viajam através dos tais buracos de minhoca?

— Não há dúvida de que vajariam, se soubessem onde eles estão.

Leonor dirigiu-se até a mesa. Serviu-se de uma taça de vinho. Ela tinha duvidado de Martim quando ele disse que a levaria para viver nas estrelas. E era tudo verdade. Toda a imensidão do Universo, toda a beleza das nebulosas brilhantes. Fumaça de cristais cintilantes.

— Dona Leonor, o capitão mandou dizer que ainda vai demorar um pouco na conversa com os marinheiros. — Disse Manuel, retornando do refeitório. — Ele falou para a senhora ir ao aposento e descansar um pouco. Eu acompanho até lá.

Leonor agradeceu as explicações de Zéfig e foi com Manuel pelo corredor até seu aposento. Manuel pressionou uma placa de metal na parede e a cama saiu como uma gaveta aberta. Bateu palmas duas vezes e as luzes diminuíram de intensidade.

— Tu és íntimo da casa? — Leonor perguntou em tom irônico.

— Eu aprendo rápido. Durma bem.

— Disse Manuel, retirando-se.

Leonor estava exausta.

Deitou-se no leito e, num instante, adormeceu. Martim Francisco passou muitas horas conversando com os marinheiros sobre o comportamento que deveriam ter na nova galáxia. Recomendou muito que fossem discretos

antes de falar ou fazer alguma coisa. Deveriam entender os costumes dos zirados. E também havia outros povos, os sangrilos e os xertysanos. Era necessário ter muita cautela para não provocar conflitos indesejados.

Manuel saiu do refeitório e percorreu a nave. Não havia ninguém nos corredores, nem no salão principal. Zéfig deveria estar dormindo em seu aposento. Manuel aproximou-se do vitral. Um panorama que mudava a todo instante. Nunca se cansaria de contemplar.

— Encontraste alguma coisa nova? — Disse Zéfig, aproximando-se de Manuel.

— Achei que tu estavas em teu aposento. Tu nunca dormes?

— Durmo pouco. Eu estava na sala de controle, conversando com Zorid. E então, o que estavas observando?

— Aquela estrela ali. Parece que brilhava de um jeito e, aí, aumentou o brilho e depois, parece que se apagou. Mas eu olhei bem, e ela ainda está piscando, só que bem fraquinha.

— É uma nova. Ela tem bruscas alterações de brilho. Tem outras parecidas, as supernovas. Essas são tão densas que às vezes explodem totalmente e lançam toda a sua matéria no espaço.

— Como está a senhora sua mãe? — Manuel perguntou, afastando-se do vitral.

— Não consigo entender. Por que tu queres saber da minha mãe.

— Porque tu disseste que ela é viúva e estava preocupada de que acontecesse alguma coisa contigo. Existem muitos perigos em Zenaga?

— No momento, não. Zaus consegue coordenar as galáxias e os povos estão em estado de tranquilidade há muito tempo. Minha mãe perocupa-se com minha curiosidade. Nisso eu sou igual ao meu pai.

— O Zozys António, que bebeu uma fórmula fatal.

— É por causa desse tipo de coisa que ela fica preocupada. Por exemplo, eu não hesitei em viajar para Bolota tão distante de Zenaga para entregar uma carta.

— Como é a vida em Zenaga? O que as pessoas comem? O que fazem durante o dia?

— As pessoas comem fórmulas especiais preparadas para o corpo de cada uma.

— Quem prepara essa refeição especial?

— É o Blábis.

— Ele é um grande cozinheiro?

— Não, ele é cientista. É um dos mais brilhantes de Zenaga. Faz cada instrumento que tu não és capaz de imaginar. Ele vem de uma escola muito antiga de cientistas zirados. Ele e os outros cientistas é que garantem o avanço do conhecimento dos zirados, por isso os outros povos respeitam. Eles viajam pelas galáxias,

adaptam-se a qualquer ambiente, sabem sempre onde estão e para onde vão.

E a maioria deles é de uma beleza ...

— Tu és apaixonado por uma zirada, vai, confessa.

Martim Fancisco entrou no salão perguntando por Leonor. Manuel disse que ela havia-se recolhido e o capitão foi ao encontro de sua esposa. Quando entrou no aposento, viu-a rescostada no leito. Suspirava suavemente como um bebê. Não quis acordá-la, mas aproximava-se o momento de chegarem ao planeta Zuribad, o centro de coordenação da galáxia Zenaga. Encontraria Zaus, o coordenador, e acertaria com ele a distribuição de algumas regiões que pertenciam a seu avô Vasco.

Não estava muito seguro de que Zéfig ou sua mãe não criariam embaraços. Talvez achassem que lhes cabiam todas as regiões e não quisessem dividir o território.

Martim Francisco precisava ter muito tato para conduzir as negociações. Estavam sozinhos numa terra estranha e precisariam de toda a inteligência para contornar as armadilhas em Zenaga.

— Martim! — Falou Leonor, sentando-se na cama. — Quanto tempo ainda falta para chegarmos?

— Não vai demorar.  
Arruma-te. Quero que apareças como uma rainha para a minha tia Zhyma.

Leonor levantou-se e arrumou o vestido, ajustou os cordões de pérolas e Martim Francisco observava.

— Este vestido é diferente

daqueles que tu costumavas usar. Os outros eram mais cheios, este parece murcho.

— Tua mãe me convenceu a não usar anágua para armar o vestido. Ela achou que iria atrapalhar muito com aquela armação de arame para lá e para cá, numa terra estranha, que eu nem sei bem como é. Assim, só o tecido sobre o corpo, é mais fácil. E também, se eu usasse a anágua, sempre iria precisar de alguém para ajudar a vestir-me. Sem ela, eu visto a roupa sozinha. Não preciso de ajudante que, a bem dizer, eu não sei se teria.

— Ficou bonito. Só que tu pareces bem mais magra. Quando terminares, vai ao salão principal. Estarei lá com Manuel.

A nave foi diminuindo a velocidade. Leonor saiu do aposento e, quando chegou no salão, viu que o planeta Zuribad estava bem à sua frente. Enquanto a nave descia, Zéfig disse para todos irem à sala de defumação.

— Fica ao lado do refeitório.  
Os marinheiros todos já foram. Só faltam Dona Leonor e Manuel.

— Onde está Martim? —  
Perguntou Leonor. Era certo que ela não entraria em nenhuma sala enfumacada. O que o primo lilás pensava que ele era?

— Ele está na sala de controle da nave, conversando com Zorid. Ninguém pode entrar.

— Dona Leonor, não precisa temer. O capitão explicou-me que é necessário para que a nossa respiração possa aspirar o ar de Zenaga. — Disse Manuel.

— Está bem, vamos lá.

Desceram no solo arenoso e azul de Zenaga. Havia três luas, formando um perfeito triângulo. Não havia vegetação, apenas rochas.

— Que rochas magníficas! —

Disse um dos marinheiros, andando perto da nave.

Na verdade, tratava-se de um enorme bloco de rubi. O planeta Zuribad começava a mostrar sua opulência. Leonor caminhou em torno da rocha e viu uma espécie de lago de onde saía uma fumaça muito perfumada e iam surgindo sombras feitas pelo gás. Eram como vultos em formas variadas e brilhantes. Primeiro, surgiu uma imagem de cometa, depois círculos que se moviam e chocavam-se e tornavam-se um triângulo que se explodia e virava novos círculos que se chocavam e formavam um triângulo e assim por diante.

Ouviu um barulho um pouco mais adiante e foi ver de onde vinha. Atrás de um monte de cascalhos de ônix negro havia uma espécie de cascata de estrelas. Jorravam de um jarro de ouro, muito pequeninas e delicadas. Eram verdes e cintilantes.

Leonor teve a impressão de que as luas movimentaram-se e virou-se para o lado. Percebeu que tinham deixado de formar um triângulo, estavam, agora, todas enfileiradas uma ao lado da outra. Leonor estava impressionada. Todos os corpos celestes daqueles lugar, desde os mais diminutos até os grandes, estavam em constante alteração. As luas não ficavam quietas no lugar, as estrelinhas jorravam como água. Era muito estonteante. Leonor desmaiou.

— Acode! Dona Leonor caiu.

— Gritou um dos marinheiros, abaixando-se para falar com ela.

Martim Francisco correu até lá e ergueu-a nos braços. Caminhou com ela de volta para a nave e deitou-a no leito de seu aposento. Manuel foi chamar Zéfig, mas ele tinha-se distanciado muito, estava a caminho de sua casa. Zorid surgiu no aposento.

— Ela deve estar estranhando o ar de Zenaga. Precisa de mais inalação. Coloque isto nas narinas dela e, depois que ela voltar a si, leve para a sala de defumação. — Disse, entregando um cilindro metálico para Martim Francisco, retirando-se em seguida.

Leonor acordou e muito contrariada entrou novamente na sala de defumação. Quis sair logo dali, mas Martim Francisco não abria a porta até que se completasse o tempo necessário para a adaptação do ar de seus pulmões ao ar de Zenaga.

Leonor recompô-se e eles saíram da nave, indo ao encontro de Manuel e Zorid.

— Podemos ir ao encontro de Zaus?

— O capitão perguntou.

— Sigam-me. — Zorid respondeu, conduzindo por uma trilha de mosaico de esmeraldas e safiras intercaladas por faixas de ouro. Ao longe, podia-se avistar uma grande construção como um palácio. Parecia de cristal, com todas as paredes transparentes. Viam-se os três andares, as escadas, as salas, os móveis. Podia-se ver tudo, as pessoas subindo e descendo as escadas, algumas bebiam e conversavam em mesas espalhadas por um salão no térreo.

À medida que se aproximavam, o brilho das pedras preciosas espalhadas pelo chão tornava-se mais intenso por causa

da iluminação do palácio. Era uma estranha iluminação que surgia por todos os lados, do teto às paredes e, principalmente, surgia dos pés, conforme pisavam num determinado lugar do piso.

Manuel começou a pular de um lado para outro rapidamente só para ver as luzes surgirem e apagarem-se. Zorid olhou fixamente para ele sem dizer uma palavra. Manuel detestava aquele olhar. Nunca dizia nada. Ele sempre tinha dúvida do que os olhares de Zorid queriam expressar. O próprio Zorid era um enigma. Dizer que ele falava pouco era exagero. Na verdade, ele não falava. Comunicava instruções, só isso.

Entraram pelo salão principal, onde as pessoas sentadas em mesas de diamante, bebiam um líquido azul escuro e conversavam animadamente. Ninguém reparou neles. Decerto porque não chamavam atenção perto de tantos tipos exóticos que estavam ali. Pessoas de todas as cores. Do laranja ao cinza grafite, passando por todos os tons de cores metálicas. Cabelos brilhantes, olhos como pedras preciosas.

As roupas não seguiam qualquer padrão. Algumas pessoas vestiam longas túnicas de tecido leve e brilhante, talvez seda ou semelhante. Outras usavam uma roupa que era costurada inteira, do pescoço até os pés, abrindo-se nas pernas como uma calça. Os tecidos dessas vestimentas eram grossos, mas muito brilhantes. Calçavam botas estranhas, de um material muito flexível. Às vezes, pareciam flutuar no ar, indo de um lado a outro do salão.

Zorid conduziu-os a uma das mesas de diamante. Todas eram redondas e lapidadas com tanta perfeição que irradiavam faíscas cintilantes. Sentaram-se em bancos

redondos de ouro, onde havia sulcos ondulados.

— Podem servir-se das bebidas naquele lugar. — Ele disse, apontando para um grande balcão de mármore com fontes diversas de prata e ouro, das quais jorravam líquidos azuis, verdes, amarelos e vermelhos, que caíam em grandes tubos, nos quais desapareciam por pequenos orifícios.

— Creio que nenhum de nós pode tomar dessas fontes. — Martim Francisco falou.

— Podem beber. A inalação preparou-os para os líquidos de Zenaga. — Zorid falou.

Manuel levantou-se, aproximou-se do balcão e retirou uma das taças de prata. Foi até a fonte do líquido vermelho, na esperança de que tivesse sabor semelhante ao vinho.

— Vou avisar para Zaus que tu já estás aqui. — Disse Zorid para o capitão. — Retornarei quando ele chamar-te para conversar.

Leonor e Martim Francisco não tiravam os olhos de Manuel. Queriam vê-lo beber daquele líquido desconhecido. Manuel ergueu a taça e fez um brinde no ar para o casal. Levou-a ao nariz e sentiu o aroma. Leonor levantou-se do banco para enxergar melhor, esticando-se sobre a cabeça de um outro ser lilás que estava na mesa ao lado. Manuel levou a taça à boca e começou a beber. Um gole após o outro até terminar e ir novamente à fonte, servindo-se, desta vez, de um líquido amarelo.

Leonor foi ao encontro dele. Esbarrou em pessoas verdes e azuis, com olhos como pérola e rubi. Sentia-

se muito feia, selvagem mesmo. Deveria ser assim que aquelas pessoas a enxergavam. Como um animal primitivo.

— Dize, que gosto tem? —

Ela perguntou para Manuel, enquanto ele engolia o líquido amarelo.

— Essas cores não

fazem diferença. O sabor é sempre o mesmo.

— E parece com que

bebida?

— Por que tu não

descobres por ti? — Ele disse, saindo de perto dela e andando em direção a uma espécie de tela onde muitos agrupavam-se para ver imagens de alguém que falava para uma multidão de seres coloridos e cintilantes.

Leonor permaneceu em pé em frente ao balcão estupefata coma desfaçatez de Manuel em infiltrar-se naquele grupo de pessoas com uma taça na mão e imitar as reações de aprovação ou indignação delas à medida que o discurso era transmitido.

Ela retornou para a mesa, onde Martim Francisco aguardava o chamado de Zaus.

— Não te serviste da bebida?

— Não tenho coragem. —

Leonor respondeu.

— Se Manuel bebeu e não lhe aconteceu nada, podes beber também.

— Manuel engole até pedra. Não vou beber nada até ter certeza de que não vou passar mal.

Martim Francisco

levantou-se e foi até o balcão. Pegou duas taças e encheu cada qual com um líquido diferente. Trouxe-as para a mesa e sentou-se ao lado de Leonor.

Ela observava-o com atenção. Ele ergueu uma das taças lentamente, havia um líquido vermelho dentro dela. Aproximou-a do nariz e sentiu o aroma. Pareceu um pouco tonto. Fez um movimento brusco com a cabeça, olhou fixamente para a taça e bebeu um gole demorado. Colocou a taça sobre a mesa e caiu no chão.

Leonor abaixou-se para socorrê-lo apavorada. Começou a gritar para Manuel ajudá-la. Martim Francisco levantou-se rindo do chão.

— Podes beber,  
Leonor, tem gosto de água. — Ele disse com um sorriso sarcástico.

— Por que a  
água daqui tem que ser colorida?

— Já não  
percebeste como eles são extravagantes? Nada aqui é simples. — O capitão disse, bebendo outro gole.

Martim Francisco fez um sinal para que Manuel retornasse à mesa. Eles esperaram por mais de uma hora até que Zorid voltasse ao salão.

O tribuno de Zaus havia trocado de roupa. Não usava mais aquela vestimenta inteiriça da cabeça aos pés. Estava com um túnica verde. Leonor olhou para ele espantada. Parecia que estavam com algum uniforme. Os cabelos dourados dele e a tez perolada, combinavam com seu vestido de tafetá verde com cordões de pérolas.

Ele conduziu-os por uma escada

com degraus de safiras. Enquanto subiam, podiam observar a paisagem do planeta Zuribad. Montanhas de rubis e ônix. O solo azul e brilhante. Não havia nuvens. Algumas construções em forma circular feitas em mármore espalhavam-se por toda a região. Leonor viu que a três luas estavam na forma de um triângulo novamente.

Chegaram a uma sala grande, onde havia uma enorme mesa redonda de diamante. As paredes transparentes exibiam o céu estrelado da primeira noite deles em Zuribad. Giravam a cabeça de um lado para outro para ver todo os ângulos. As três luas estavam enfileiradas, estrelas brilhavam, e uma nuvem cintilante, com cristais róseos e esverdeados estava suspensa no céu como uma tenda.

Zaus entrou na sala e eles levantaram-se dos bancos. Era um homem que aparentava ter uns sessenta anos, com rosto marcado por rugas. Sua pele era alva como leite, seus olhos eram azuis como os de Martim Francisco. Era muito alto. O capitão parecia um menino perto dele. Zeus tinha um vigor físico admirável. Sua roupa inteiriça justa até os pés marcava seu peito proeminente e rijo. As pernas vigorosas movimentavam-se pela sala com grande agilidade.

Ele dirigiu-se a cada um dos visitantes e cumprimentou-os com uma reverência demorada. Bateu palmas duas vezes e as portas de uma espécie de armário de prata abriram-se, de onde Zaus retirou um buquê de rosas vermelhas úmidas e geladas e entregou para Leonor.

— São para a noiva. — Disse ele, entregando-as para Leonor. — São muito raras por aqui, é muito trabalhoso cultivar essa espécie de plantas em Zenaga. Espero que aprecie.

Leonor agradeceu efusivamente.

Zaus fez sinal para que tomassem assento e todos foram para a mesa. Zorid trouxe uma caixa de metal e abriu. Dentro dela, havia várias lâminas de ouro que dispôs sobre a mesa uma lado da outra. Depois, retirou outras lâminas de prata com as quais fez um grande círculo.

— Capitão Magalhães,  
apresento as boas vindas do povo de Zenaga e de todas as galáxias coordenadas ao senhor, sua esposa e sua tripulação. Mantivemos laços de amizade com Dom Vasco, e espero manter com seus descendentes a mesma solidariedade e cooperação. Houve um tempo em que os povos das galáxias próximas estavam em permanente conflito, pelos motivos mais levianos. Alguns chegaram a desenvolver artefatos medonhos, cuja única capacidade era destruir, sem qualquer critério, corpos celestes.

Zorid trouxe uma taça para Zaus. Ele engoliu um pouco do líquido verde e continuou a falar.

— O povo de Zenaga, nós zirados, não temos o ímpeto da destruição. Temos sempre o propósito da conservação na evolução. Mantemos o que se revela sempre útil e evoluímos para formas novas em qualquer área. Foi dessa maneira que conseguimos conter o caos que se iniciou com o confronto entre dois povos, os sangrilos e os xertysanos. Propusemos que os conflitos fossem sempre resolvidos através do zubath e eles, felizmente, aceitaram. Desde então, quando as controvérsias entre os povos atingem um momento de impasse, todos os outros povos de todas as galáxias coordenadas são convocados e realiza-se o zubath.

Manuel serviu-se de um líquido do jarro que estava próximo a ele. Martim Francisco e Leonor prestavam muita atenção. Ouviam Zaus sem pestanejar.

— Hoje somos trezentas e quarenta galáxias coordenadas. Isso significa que cerca de oitocentos bilhões de bencijis estão em harmonia assistida pelas demais galáxias.

Zorid fez um sinal para Zaus e ele emendou:

— Bencij é uma medida que usamos para as distâncias. Alguma coisa parecida com a léguia, multiplicada por milhões de vezes. As galáxias aceitam fazer parte da coordenação por várias maneiras. Existem algumas que permanecem algum tempo para tentar adaptar-se e, depois, aceitam a coordenação e outras, de imediato, entram para a coordenação. Isso depende de como os povos dessas galáxias estabelecem os próprios governos.

Zorid levantou-se da mesa e foi pegar duas taças sobre um balcão de mármore próximo ao vitral. Encheu com líquido verde e levou para Martim Francisco e Leonor.

— Quando Dom Vasco chegou por acaso a esta galáxia, nós doamos a ele o sistema de um planeta com alguns satélites e muitos asteroides, cujas características de solo, ar e alguma vegetação são muito semelhantes às do planeta de onde ele vinha. Ele chamou esse sistema de Lusitânia e estabeleceu-se com seus tripulantes e formaram algumas famílias com outros povos vizinhos. Hoje existem cerca de duas mil pessoas vivendo ali, sob a coordenação dos zirados.

— Este sistema pertencia ao meu avô? — Martim Francisco perguntou.

— Não. Eram áreas do povo zirado que ficavam desabitadas porque eram consideradas inóspitas

para nós. Entretanto, Dom Vasco transformou aquele local num sítio aprazível e atraiu vários povos das galáxias coordenadas. Alguns até se mudaram para lá.

— E nós vamos poder ficar lá?

— Pensamos que é o melhor local no momento. Porém, se depois que estiverem adaptados ao clima de Zenaga quiserem ir para outro local, não haverá problema. Deves, também, ter ciéncia de que as viagens para teu planeta de origem são feitas de acordo com as necessidades das galáxias coordenadas. Não poderás retornar quando te aprouveres.

— Zorid já havia dito. —

Disse Martim Francisco. — Estou de acordo.

— O fundamental é que aceitem a coordenação dos zirados e a solução das controvérsias pelo zubath. Estas láminas contêm instruções detalhadas de como são organizados os encontros entre os povos das galáxias e os regulamentos da utilização dos sistemas planetários.

Martim Francisco inclinou-se sobre a mesa, observando atentamente as lâminas lisas, sem inscrições, onde viu apenas o reflexo de sua própria boca. Como perguntar para o coordenador Zaus como se utilizavam aquelas lâminas para ler instruções que não estavam escritas. Ele não queria parecer ignorante. Certamente seu avô devia ter escrito explicações no pergaminho, mas o capitão ainda não tinha tido tempo de ler tudo. O que fazer?

Zorid retirou uma das lâminas de ouro dispostas em colunas e equilibrou sobre a mesa. Bateu palmas três vezes e uma imagem como fumaça surgiu no ar. Eram várias frases de uma

espécie de regulamento do que poderia ser feito no solo e na órbita do sistema lusitânia. Estavam escritas em português muito claro e objetivo, não havia margem para dúvidas.

— Sempre que tiveres dúvida sobre algum procedimento, podes analisar estas láminas. Se a dúvida persistir, podes consultar Zorid. Agora, solenemente, aceitas a coordenação do povo zirado? — Perguntou Zaus, erguendo-se do banco e permanecendo com as mãos cruzadas diante do corpo.

Martim Francisco levantou-se e foi acompanhado por Manuel e Leonor. Cruzaram as mãos à frente do corpo, imitando Zaus e disseram ao mesmo tempo:

— Aceitamos.

Zaus aproximou-se de cada um deles e espalmou as mãos. Eles fizeram a mesma coisa. Então ele fechou os olhos e disse "Zubath" e os três repetiram.

O coordenador despediu-se e recomendou que Zorid mostrasse o palácio das galáxias coordenadas para eles. Se quisessem passar alguns dias em Zuribad antes de seguirem para Lusitânia, poderiam ficar nos aposentos de Dom Vasco na hospedaria.

Zorid retornou com eles para o grande salão. Manuel voltou ao grupo que via o discurso numa tela. Leonor caminhou pelo salão, observando as roupas que todos aqueles povos usavam. Martim Francisco conversou com Zorid por algum tempo e o tribuno foi embora. Ele entregou a caixa de metal para o capitão que a carregava, vindo ao encontro de Leonor.

— Vamos ficar aqui alguns dias? — Ela perguntou, bebendo uma taça corajosamente.

— É melhor, assim

vamos a acostumarmos aos poucos. Ele disse que podemos ficar na hospedaria, onde há vários povos diferentes ou num lugar que ele indicou numa dessas láminas. É um pequeno asteroide próximo daqui. Ele entregou-me as instruções desse veículo que eles usam para pequenas distâncias. Olha, está ali adiante. Vês?

— Aquela canoa de metal?

— Isso mesmo. Vamos.

— Leonor, que lindo, ai, como é lindo! —

Gritou Zéfig, correndo ao encontro do casal.

Martim Francisco observava o primo correndo com uma túnica azul escuro, quase tropeçando naqueles panos esvoaçantes. Aquela face lilás estava deslumbrada com alguma coisa e o capitão achava que o rapaz bem que podia controlar um pouco mais suas emoções.

— Onde conseguiste essas flores tão lindas? — Zéfig perguntou.

— Zaus ofertou-me.

Zéfig acariciava as rosas vermelhas com muita delicadeza. Inclinou-se e sentiu-lhes o aroma, fechou os olhos extasiado.

— Toma, Zé, fica com o buquê da noiva. — Disse Leonor, entregando-lhe as flores.

— Ai, Leonor, tu és adorável. Vou cuidar delas atentamente, são muito delicadas. Pena que são tão breves. — Disse Zéfig, dirigindo-se para o palácio, carregando o buquê.

Leonor e Martim Francisco entraram no veículo. Ele colocou uma das lâminas de ouro num nicho do painel cheio de luzes e o veículo ergueu-se do chão. Martim Francisco observou a fumaça que se formava no ar e verificou o local indicado por Zorid. Colocou o dedo indicador no asteroide para onde deveriam ir e o veículo entrou em movimento suavemente.

Enquanto flutuavam pelo ar, puderam ter uma visão panorâmica do planeta Zuribad. Não era muito grande. Havia o palácio, várias construções menores de mármore, que pareciam conchas deitadas sobre o solo azul escuro. Havia as montanhas rochosas de rubi e ônix e um grande lago do qual surgia fumaça incessantemente. Às vezes, a fumaça era verde, outras vezes rosa, e assim por diante surgiam os mais variados matizes.

Saíram do planeta e passaram ao lado de três asteroides. No seguinte, a nave começou a descer. Quando se aproximaram, Leonor percebeu que era muito semelhante à Lua. No entanto, uma luz avermelhada irradiava-se dali. Também era cheia de crateras, como ela tinha visto na nave, enquanto estavam em órbita da Terra.

Uma pequena construção de cristal transparente semelhante ao palácio de Zuribad era a única no local. Não havia ninguém. Eles caminharam pelo solo cor de vinho brilhante. Seus pés afundavam-se como na areia de uma praia. Seguiram até uma fumaça prateada que exalava um aroma de hortelã.

Cercada por pequenos montes de cascalhos de turquesa misturados com ônix, havia uma lagoa com um líquido pastoso e prateado, de onde a fumaça surgia. Estava quente em torno dela. Leonor retirou a capa de veludo. Martim Francisco aproximou-se e,

com um pedaço de ônix que apanhou do chão, remexeu no líquido e percebeu que era prata derretida.

— Martim, olha!

O capitão virou-se para uma nuvem grande suspensa pouco acima do solo. Parecia feita de um enorme chumaço de algodão negro cintilante. Ele jogou-se na nuvem e deitou-se, chamando Leonor para perto dele.

— Venha cá.

Os dois abraçaram-se e tiveram sua primeira noite na galáxia de Zenaga.

## C A P Í T U L O      I V

A mesa da sala estava repleta de alimentos cultivados no solo de Lusitânia. Zhyma pensava que a esposa de Martim Francisco iria apreciar. Ele comeu até fartar-se quando esteve lá.

Zhyma preparou o pão e fez manteiga. Cozinhou alguns legumes e verduras à maneira de Bolota, em caçarola, fez um caldo verde. Havia muito tempo que não cozinhava. Ela costumava preparar aqueles alimentos para seu sogro, DomVasco, que sentia muita falta da comida de Bolota.

Foi Blábis quem desenvolveu as sementes para serem plantadas em Lusitânia. Certa vez, analisando o solo dali, percebeu que poderia recobri-lo com a terra trazida de Bolota na viagem de resgate da caravela de Dom Vasco. As sementes foram desenvolvidas a partir de alguns alimentos trazidos pelos bolotenses. Ele reproduziu um punhado de terra várias vezes e recobriu todo o solo de

Lusitânia. Como a água era abundante ali, não demorou muito tempo para que germinassem e surgisse uma plantação semelhante à de Bolota.

Zhyma lavou algumas azeitonas e colocou numa vasilha de prata. Foi para seu aposento vestir-se. Na parede, havia uma porta metálica que conduzia ao cilindro de esterilização. Ela entrou e jatos de líquido antisséptico foram lançados em seu corpo. Na temperatura morna, os músculos relaxaram e ela sentiu uma leve sonolência.

Saiu do cilindro e retirou uma pilha de túnicas de um báu de ouro. Colocou-as sobre uma mesa de ônix no canto do aposento. Esticou uma túnica verde, depois outra vermelha. Vestiu-se com uma túnica azul claro com bordados de figuras de animais que nunca tinha visto. Foram feitos com fios de ouro, conforme a descrição de Dom Vasco. Soube que eram animais muito comuns em Bolota, gato, galinha e coelho. Ela tinha dificuldade em entender o que eram os animais. Seres viventes que tinham comportamento próprio muito diferente das pessoas.

Zhyma postou-se diante de um refletor de imagens e viu-se da cabeça aos pés. Seu corpo redondo e lilás. Seus cabelos púrpura e olhos azuis como safiras. Tocou numa placa luminosa na parede e a imagem refletida foi a de suas costas. Tocou novamente e surgiu a imagem de seu perfil.

Olhou para a túnica em seu corpo e teve certeza de que Leonor iria apreciar as imagens dos animais. Era sua homenagem para a visitante bolotense. Zhyma foi para a sala. Lembrou-se do milho e saiu da casa para buscar algumas espigas na plantação.

A casa circular como uma

concha virada para baixo era feita de mármore. Havia um semicírculo de um vitral cristalino que se estendia do chão até o teto, deixando a sala visível para quem estivesse fora da casa. Os aposentos tinham paredes curvas de mármore com armários de ouro, prata e platina. O piso de esmeraldas contrastava com algumas mesas de ônix, de vários tamanhos, espalhadas pela casa. No centro da sala, havia uma grande mesa de diamante com bancos de ouro.

Suspensa no ar, uma nuvem gigante de algodão cor de musgo ocupava toda a extensão do semicírculo da parede de vidro da sala. Pequenas bacias de ônix com ouro derretido aqueciam a sala e a fumaça delas espalhava-se lentamente, exalando um aroma de hortelã.

Zéfig e Leonor entraram na casa e ele disse-lhe que tomasse assento, apontando para a nuvem verde musgo suspensa no ar. Ela sentou-se num dos bancos em frente à mesa. Ele foi ao aposento de sua mãe e retornou em seguida.

— Ela não está em casa.  
Vamos esperar um pouco. — Disse Zéfig, enchendo duas taças com água.

— Não me acostumo com esse leitos suspensos no ar. Como isto é possível, Zé?

— Eu não entendo muito bem.  
Um dia o Blábis explicou, mas só entendi que a energia das partículas do algodão foi transformada de uma forma para combinar-se com a gravidade de Lusitânia e ficar suspensa no ar. Se tiveres paciência, ele pode ficar horas a explicar. É só ouvires.

— Mas, então, é mesmo feita de algodão! Pareceu-me algodão, mas eu pensei que aqui não havia algodão.

— Leonor, o algodão

trazido nas roupas de Bolota serviu de matriz para o Blábis. Ele desenvolveu esse algodão que fica suspenso no ar para fazer leitos e assentos. Hoje, quase todas as casas têm essas nuvens.

— Queria muito conhecer esse Blábis. — Disse Leonor.

— Tu ainda não conheces!

Quando formos para Zuribad vou levar-te ao laboratório dele.

Zhyma entrou em casa trazendo três espigas de milho. Abraçou Leonor demoradamente. Sorriu muito e dirigiu-se para a mesa.

— Leonor, minha cara, sirva-te destes alimentos. Preparei para ti como Dom Vasco ensinou-me. Espero que gostes.

Os olhos de Leonor brilharam quando ela viu as azeitonas, o pão e a manteiga. Pôs-se a comer avidamente. Zhyma tirava as folhas das espigas. Zéfig observava Leonor espantado. Nunca a tinha visto tão faminta.

— Tu deves levar Leonor para conhecer o lado norte de Lusitânia. Há três casas lá que Martim Francisco quer que ela veja. Vão escolher uma das três para morada. — Disse Zhyma, colocando as espigas na caçarola sobre o fogo. A água começava a ferver e o vapor embaçava o vitral da sala.

Leonor parecia alheia à conversa.

Só tinha olhos para o pão e a manteiga. Zéfig trouxe mais azeitonas para ela.

Zhyma sentou-se ao lado de Leonor. Depois de comer dois grandes pães inteiros e uma tigela de caldo

verde, ainda teve apetite para uma dúzia de azeitonas. Ela bebeu água várias vezes e, afinal, saciou-se.

— Venha para cá. — Disse Zhyma, chamando-a para perto da nuvem de algodão. — Deita-te.

Leonor sentia um peso no estômago. Deitou-se na nuvem de algodão e sentiu um pouco de sono.

— Zéfig, pode avisar a tua tia que Leonor está aqui. — Disse Zhyma para o filho.

Zéfig despediu-se de Leonor e saiu para a casa de Zahira Zinda. As duas permaneceram em silêncio por algum tempo.

— Esse vitral é semelhante ao da nave e do palácio de Zuribad. — Disse Leonor.

— Na verdade, é uma lente. Nós podemos aproximar e afastar de acordo com a distância do que queremos ver. Não posso mostrar-te agora porque é dia.

— Não pensei que fosse uma lente. Então, tu vês sempre os mesmos astros no céu. O vitral... a lente está voltada para o leste, não é mesmo?

— Não, não é. — Respondeu Zhyma como se falasse com uma menina que começa a aprender.

— De que maneira tu podes observar ao sul, se tens a lente voltada para o leste? — Leonor perguntou em tom irônico.

— Assim! — Disse Zhyma, pressionando um placa luminosa sobre a pequena mesa de esmeralda ao lado

da nuvem de algodão.

Leonor sentiu uma vertigem.

Parecia que tudo girava à sua volta. Fechou os olhos e, quando abriu, viu pelo vitral o outro lado do terreno da casa, onde havia uma plantação de milho.

— A casa girou?

— Isso mesmo. O piso gira e podemos ver as estrelas e constelações em diferentes direções. Também podemos aproximar e afastar a lente em milhões de vezes.

— Mais de um milhão de vezes! Então, podemos ver a Terra daqui? — Perguntou Leonor.

Zhyma ficou confusa.

Prometeu para Zorid que não mostraria Bolota para Leonor pela lente do vitral e assim, sem perceber, a moça concluiu que poderiam ver Bolota. Tinha que pensar em alguma coisa para convencê-la de que não seria possível avistar a Terra.

— Não se pode ver Bolota daqui porque existe uma grande nebulosa no meio do caminho.

Leonor abaixou os olhos decepcionada. Por um instante pensou que poderia ver novamente a Terra, a Lua e o Sol. Lágrimas rolaram de seus olhos. Zhyma estava amargurada. Aproximou-se dela e segurou sua mão. Fez um afago em sua testa. Leonor chorou muito.

— Onde está a moça? — Disse Zahira Zinda, entrando pela casa.

— Aqui! Veja como é linda. — Disse Zhyma, apontando para Leonor. — Querida, esta é minha irmã, Zahira.

Leonor ficou de pé, enxugou as lágrimas e abraçou Zahira. Mirou seu corpo esguio, sua pele lisa. Ela parecia filha de Zhyma. Os cabelos púrpura, a pele lilás brilhante. Sua testa não tinha os sulcos púrpura como a testa de Zhyma, a demonstrar a idade. Sem dúvida, parecia irmã de Zéfig.

— Vamos para a mesa. —

Disse Zhyma. — Leonor, queres milho?

Leonor assentiu com a cabeça.

Zhyma acompanhou-a na refeição. Também gostava de milho cozido.

— Tu precisas conhecer Zyblábis. — Disse Zahira Zinda. — Ele pode fazer fórmulas para que te alimentes com as partículas de Zenaga. Podes manter teu equilíbrio. Não sentirás mais vertigens.

Leonor olhou para ela interessada, enquanto levava à boca uma colher de ouro cheia de grãos de milho.

— O Blábis, como nós chamamos, também faz fórmulas para a pele manter-se sempre impecável. Ele faz cremes para serem usados quando os raios cósmicos estão propícios à espessura.

— Como é que é? — Leonor perguntou.

— Ela quer dizer que algumas poeiras cósmicas mantêm por muito tempo a juventude da pele. Mas é necessário que a poeira grude na pele e o Blábis faz um creme que atrai a poeira. E a Zahira passa esse creme no corpo e fica exposta aos raios cósmicos.

— Na verdade, são vários cremes diferentes para várias poeiras diferentes para partículas diferentes da pele. — Disse

Zahira Zinda.

Leonor olhou para Zhyma atônita. Será que ela também teria que usar os cremes e ficar exposta à poeira cósmica para viver naquele lugar? Parecendo ler os pensamentos dela, Zhyma falou:

— Ela faz isso só pela aparéncia. Não é necessário para as tuas funções vitais. Queres mais pão?

— Quero. Posso pegar aquela manteiga?  
— Perguntou Leonor, apontando para a vasilha ao lado do fogão.

— Pega tudo o que quiseres.  
Zahira saiu de perto da mesa. Andou até o vitral e disse:

— Leonor, tu precisas conhecer Lusitânia. Existem muitas famílias mestiças aqui. São descendentes dos marinheiros de Dom Vasco com os zirados. Se quiseres, podemos conhecer a cidade quando terminares a refeição.

— Eu quero. — Respondeu Leonor, bebendo água. — Também quero aprender como são feitas essas vestimentas que vêm do pescoço até o quadril e formam calças.

Zahira estava usando uma vestimenta assim. De tecido leve e brilhante na cor cinza metálico.

— Nós usamos essa vestimenta para ir de um lugar a outro. As túnicas são usadas em ambientes fechados como casas, palácios, sedes de coordenação. Vou buscar algumas peças minhas para ti. Depois, podemos fazer um pedido para Jóji. Ele pode costurar algumas para ti da maneira que tu disseres.

— Quem é Jóji? — perguntou Leonor.

— Jóji, o artista. Ele faz roupas, artefatos para a casa, enfeites para o corpo. Tudo o que imaginares é só falares para ele e, algum tempo depois, ele transforma num belo artefato. — Disse Zhyma.

— Vou buscar uma roupa para ti. — Falou Zahira, saindo da casa.

— Vamos para fora. Quero mostrar-te as plantações que tenho aqui. — Zhyma falou para Leonor, estendendo a mão para ela.

Leonor e Zhyma foram a uma pequena horta que ela cultivava desde o tempo em que Dom Vasco estava vivo. Havia alface, couve, hortelã, salsa, cebola. Leonor deteve-se diante dos pés de milho.

— Tu não tens trigo?  
— Não. Blábis conseguiu fazer uma fórmula para a farinha. É só seguir as etapas.

— Como assim?  
— Eu vou mostrar-te. Vamos para a casa.

Leonor e Zhyma ficaram muito tempo na sala preparando farinha de trigo. Zahira voltou com algumas roupas que serviram muito bem em Leonor. Ela calçou botas que flutuavam no ar.

— Como se faz?  
— Leonor, olha, aí, na altura do tornozelo tem um fio. Puxa-o que a bota abaixa até o chão. Se puxares novamente, ela ergue-se do chão até que faças um movimento com os pés.

Vai parar onde tu moveres.

Leonor parecia uma criança

brincando com as botas. Puxava o fio, descia, subia, parava no ar. Não fosse pela tez opaca, seria uma perfeita zirada vestida naquele macacão reluzente, com botas aéreas. Elas saíram da casa para Leonor conhecer um pouco da cidade.

Sucediam-se muitas casas circulares como a de Zhyma. Em todas, havia um horta e plantações de milho e árvores frutíferas. Num grande largo redondo, havia um palácio pequeno de cristal parecido com o palácio de Zuribad, mas uma dez vezes menor. Ao lado do palácio, surgia uma grande plantação de oliveiras.

— Quem mora naquele palácio? —

Perguntou Leonor.

— Ali não é morada. É a sede da coordenação do sistema Lusitânia. A capital é aqui, mas o sistema todo tem doze asteroides e um planeta pequeno mais distante.

— Como se chama o planeta? — Leonor perguntou.

— Não tem nome. Só uma classificação. Acho que é LU 2.0. — Zahira respondeu.

— É muito isolado. — Disse Zhyma. — Os asteroides ficam em torno dele. O clima lá é também muito instável. Às vezes faz muito calor, daí chove muito. Outras vezes faz muito frio, daí a chuva vira gelo. Eu acho um horror.

Leonor ouvia tudo e sentiu uma alegria imensa. Havia um lugar naquele sistema que se assemelhava à Terra.

— E o ar de lá é como o daqui? Eu

também precisaria da inalação para conseguir respirar? \_\_ Perguntou Leonor.

\_\_ Não. O ar de lá é denso, tem nuvens que encobrem quase todo o planeta. O céu não é límpido como o daqui. Eu preciso de inalação para ir lá. Só fui duas vezes. Pergunta para Zéfig. Tenho a impressão de que tu suportarias respirar o ar de lá.

\_\_ Podemos ir à sede para pedires a placa de fornecimento. \_\_ Disse Zahira Zinda.

\_\_ Todos temos uma placa com as informações pessoais e a quantidade de artefatos e fórmulas de que necessitamos. \_\_ Disse Zhyma.

Leonor andou com as duas irmãs até o pequeno palácio de cristal. Do lado de fora, viam-se várias pessoas sentadas em frente a mesas com diversas lâminas de ouro, de onde saíam as fumaças com textos e tabelas e atendiam os habitantes, providenciando os suprimentos necessários. Elas entraram por uma larga trilha de rubis e turquesas.

Leonor foi apresentada a um zirado azul, que trabalhava na sede, como esposa do neto de Dom Vasco. Imediatamente, o zirado retirou uma lâmina de ouro de uma caixa de platina e a fumaça surgiu com as letras das frases flutuando no ar. Relatava desde a chegada de Dom Vasco, salvo de um naufrágio numa galáxia distante até a sua morte, descrevendo episódios importantes de sua vida em Zenaga.

\_\_ A senhora pode requisitar o planeta LU 2.0 para estabelecer morada. É similar ao sistema de Bolota. \_\_ Disse o zirado azul muito compenetrado.

\_\_ Preciso falar com meu marido.

— Ele também pode fazer a requisição na sede de Zuribad. — Disse o zirado, entregando uma placa para Leonor. — Pode utilizar esta provisão de crédito para requisitar suprimentos.

Leonor agradeceu e foi com as irmãs ziradas até a casa de Jóji para requisitar algumas roupas. Leonor observava a paisagem um tanto monótona de Lusitânia. Era uma grande planície, as casas circulares todas iguais, com plantações de milho atrás das casas. Do início ao fim da estrada que caminharam o panorama quase não se alterou.

Uma forte ventania provocou uma tempestade de areia. Leonor cobria o rosto e tentava caminhar em vão. Zhyma agarrou-a pelo braço e conduziu-a a lugar semelhante a uma taverna. Abrigaram-se ali. Zahira foi buscar água. Leonor olhou para seus braços cobertos por uma poeira dourada.

— O que é isto, Zhyma? — Leonor perguntou.

— É ouro. O solo daqui é feito de pó de ouro. Blábis recobriu tudo com o solo de Bolota, mas quando os ventos ficam fortes levantam o solo até a camada de ouro.

Leonor retirou a poeira com muito cuidado e recolheu em seu lenço. Guardou numa bolsinha que trazia amarrada à cintura. Tiveram que esperar até a noite para retornar à casa de Zhyma.

— Nunca vi uma tempestade tão prolongada. — Disse Zahira.

Zéfig estava na plantaçao de milho, observando as estrelas quando elas chegaram. Zhyma foi para a casa preparar uma refeição para Leonor.

— Eu vou embora, volto amanhã para  
tratarmos das roupas com Jóji. — Disse Zahira para Leonor, beijando-a.

— Gostei da roupa que me deste. —  
Leonor falou, agradecendo e retirando os brincos de esmeraldas para  
oferecer a Zahira Zinda. — Toma, são para ti.

Zahira sensibilizou-se com a inocência de  
Leonor. Aquelas pedras usadas para construir casas e estradas eram usadas  
pela bolotense como adorno. Temendo desagrada-la, aceitou os brincos com  
encenada alegria. Despediram-se com um forte abraço e Leonor foi ao  
encontro de Zéfig.

— Está uma linda noite! — Disse Leonor.  
— Nem parece que teve uma tempestade de  
areia há pouco tempo. — Ele respondeu. — Olha, Leonor, quantas estrelas.

— Nem é possível contar. E ficam assim,  
suspensas no vazio da noite.

— Que vazio? — Ele perguntou.  
— Esta escuridão ao fundo.  
— Isto não é vazio. É repleto de poeira  
cósmica que a nossa visão não consegue enxergar. É matéria escura,  
nebulosa negra, como quiseres chamar.

— Agora, tu me dizes que também tem  
matéria invisível.

— Perdoa, Leonor, vamos  
simplesmente contemplar as estrelas.

## C A P Í T U L O   V

Martim Francisco e seus homens foram conduzidos na nave de Zorid até o planeta LU 2.0. Desceram em meio a uma forte chuva e correram para um grande abrigo de cristal.

O planeta estava desabitado e não havia nenhuma edificação, apenas aquele abrigo, onde esperariam até a chuva passar para descarregar todo o material da construção.

O capitão requisitou o planeta para estabelecer-se com seus homens e recebeu o material para formarem um acampamento. Não tardariam a chegar os elementos e instrumentos para a construção de Estrela do Tejo, nome com o qual Martim Francisco denominou o projeto de uma cidade que ele apresentou a Zaus em vários pergaminhos.

O planeta era considerado inóspito para os zirados. A atmosfera densa, encoberta por nuvens carregadas de umidade. Ventos constantes agitavam a vegetação esparsa. Algumas árvores de pequeno porte, campos de relva rasteira numa planície sem fim. Os dias eram mais longos do que no sistema Zuribad. Em LU 2.0, o dia durava trinta e duas horas.

Quando não se formavam nuvens no céu, não sopravam ventos e a temperatura ficava muito alta. Os zirados não suportavam bem o calor. Sentiam-se derreter em transpirações incessantes.

Martim Francisco começou a exploração do planeta enquanto ainda caía uma chuva fina. Manuel acompanhou-o e os homens do capitão começaram a descarregar os artefatos

e a organizar o acampamento.

Zorid observava todos com atenção e não fazia qualquer comentário. Trouxe vestimentas e calçados para eles. Alguns bastões de prata imantados com raios cósmicos para cortar pedras, embora houvesse poucas rochas.

Martim Francisco escolheu o local onde seria construída a grande hospedaria. Iniciariam as obras pela construção de um grande prédio para abrigar a tripulação e, aos poucos, todos auxiliariam na construção de pequenas casas para as famílias que viressem a constituir.

— Manuel, vai até Lusitânia e entrega esta mensagem para Leonor. — Disse o capitão, entregando uma pequena lâmina de prata.

— Devo retornar ainda hoje?

— Se quiseres, podes dormir lá.

Espero-te bem cedo amanhã.

Manuel seguiu na nave com Zorid. Partiram de LU 2.0 no início da tarde que, ali, era longa, mas já deveria estar anoitecendo quando chegassem a Lusitânia. Como de costume, Zorid não disse uma palavra durante a viagem. Manuel passou o tempo todo junto ao vitral, olhando as estrelas.

Desceram em Lusitânia e Manuel foi direto para a casa de Zhyma. Ela estava cozinhando um mingau de milho para Leonor. Ele entrou pela sala e sentou-se num dos bancos em frente à mesa.

— Tua comida tem um aroma irresistível, Zhyma.

— Espera até ficar pronto.

— Onde estão Zéfig e Leonor?

— Meu filho foi até Zuribad e Leonor

foi procurar o Jóji para fazer algumas encomendas. Ela gostou da minha túnica bordada com desenhos de animais e quer uma parecida. É estranho, porque Jóji, assim como eu, nunca viu aqueles animais e conseguiu reproduzir o desenho com perfeição. Pelo menos foi o que Leonor falou.

— Está perfeito mesmo. Mas como é isso? Nunca existiram animais em Zenaga?

— Não. Só os povos. Tu sabes, os xertysanos, nós zirados, os sangrilos. Nunca tivemos animais. É mesmo difícil imaginá-los.

— Qualquer dia tu vais comigo para a Terra.

— Não ... Nem mesmo sei como consegui adaptar-me a essa atmosfera de Lusitânia. Acostumei com os alimentos de Bolota e tornei-me um pouco redonda também. Minha irmã não perde ocasião de lembrar-me para encomendar fórmulas para equilibrar a alimentação, mas a verdade é que eu não me satisfaço mais com os alimentos dos zirados.

— Há quanto tempo estás viúva?

— Há oito anos. Nem senti o tempo passar. As tarefas com a plantação e o cuidado constante com Zéfig fazem meu dia passar como uma rajada de vento.

— Teu filho é um homem adulto. Tu deves começar a pensar mais em ti. És jovem. — Disse Manuel, aproximando-se dela. — Tu és bela, minha cara senhora. — Sussurrou ele

no ouvido de Zhyma.

Ouviram o barulho das vozes de Leonor e Zahira aproximando-se da casa. Zhyma afastou-se de Manuel e foi para seu aposento. Elas entraram conversando e Zahira chamou Zhyma para ver as novas roupas que Jóji tinha feito para Leonor.

Zhyma olhava, enquanto servia a comida para Manuel e Leonor. Zahira disse que precisava encontrar-se com Zorid. Ele iria entregar-lhe os cremes que Blábis tinha feito para aproveitar o alinhamento das luas de Zuribad.

— Está quase na hora. — Disse Zahira Zinda. — Leonor, depois eu volto para te buscar. Tu dormes na minha casa hoje.

— Tu sabes a que horas Zéfig vai voltar?  
— Perguntou Zhyma.

— Quase esqueço. Ele pediu que te avisasse que vai dormir em Zuribad. E amanhã, bem cedo, vai ajudar Martim Francisco em LU 2.0.

Manuel olhou para Zhyma com um sorriso malicioso.

Zahira despediu-se e entrou em seu pequeno veículo de prata e seguiu até o asteroide Cristel. Desceu com a pequena nave e esperou por Zorid. Ele não demorou a chegar. Entregou-lhe os potes de prata com os cremes, como de costume. Duas vezes por semana, ele ia ao laboratório de Blábis e pegava os cremes para ela. Encontravam-se no asteroide, onde ela recebia os potes e esperava Zorid ir embora para então despir-se e passar os cremes e ficar exposta aos raios cósmicos mais variados.

— Na próxima vez, tu podes encontrar-me na Torre do Sincronismo? — Zorid perguntou.

— Posso. Tens tarefas lá?

— Tenho, não chegaria aqui a tempo de aproveitares os raios.

— Está certo.

— Aproveita os cremes. — Zorid falou, saindo em seguida.

Ele foi para o planeta LU 2.0 para supervisionar o trabalho de Martim Francisco. Levou suprimentos alimentares e tendas especiais para as intempéries climáticas de lá. Quando chegou, o acampamento estava pronto e os homens comiam pão e milho em torno de uma fogueira.

— Trouxe mais alimentos para ti. — Disse Zorid, chamando Martim Francisco para a nave.

— Venha, coma conosco. — O capitão falou.

Zorid aproximou-se da fogueira e pegou uma azeitona. Comeu devagar, saboreando.

— Gostei. Venha, Martim, é melhor que tu distribuas as tendas. São muito resistentes para as chuvas daqui.

O capitão e seus homens descarregaram as tendas e os suprimentos alimentares da nave de Zorid. Ele foi embora e uma noite fria e nublada rapidamente envolveu a grande nave no céu.

Martim Francisco passou muito tempo ao lado da fogueira analisando o projeto de Estrela do Tejo. Seus

marinheiros dormiam nas tendas arrumadas em fileiras. O capitão sucumbiu ao sono. Acordou com a luz do dia, ouvindo os gritos de Zéfig.

— Capitão, Capitão!

— O que é? — Perguntou Martim Francisco, esfregando os olhos. Tremia de frio. A fogueira tinha-se apagado durante a madrugada e ele dormiu ao relento.

— Trouxe calçados para os homens.

Vão facilitar o teu trabalho. Olha! — Disse Zéfig, calçando um par de botas e aproximando-se de uma pilha de pedras trazidas por Zorid e separadas para a construção da hospedaria. Ele flutuava no ar com uma quantidade enorme de pedras muito pesadas e conduzia-as com a leveza de quem empurrava uma pluma.

Martim Francisco olhava para ele rindo.

— Se tu quiseres, posso incumbir-me de carregar as pedras. — Disse Zéfig.

— Está certo. Assim os homens podem ocupar-se de outras tarefas.

Pouco a pouco, os marinheiros foram despertando e saindo das tendas. Serviam-se das provisões alimentares . Zéfig trabalhou com eles até a metade do dia e, então, retornou para Lusitânia.

No caminho para casa, parou no asteroide Gerhytu, onde ficava o laboratório de Blábis. Ele estava trabalhando com antimateria. Zéfig sabia disso porque ele deixava um sinal de alerta na frente da casa. Sempre que houvesse uma nuvem negra sobre o laboratório, ele estaria trabalhando com antimateria.

Era preciso tomar muito

cuidado. Todo corpo tem seu anticorpo, num antimundo, de uma antigaláxia, de um antiuniverso. Se algum dia, o corpo de Zéfig encontrasse seu antiZéfig e eles tocassem um no outro, explodiriam como uma estrela e desapareceriam para sempre.

Zéfig aguardava sentado numa rocha de rubi. O ar daquele asteroide era tão rarefeito. Não se formavam nuvens no céu como em Estrela do Tejo ou Lusitânia. Se ele não tivesse inalado a fórmula da respiração, estaria pulando vagarosamente, por causa da baixa gravidade dali.

Caminhou um pouco, olhava para a noite estrelada como se estivesse no alto de uma grande montanha rochosa de esmeralda à beira de um abismo. A ausência de montanhas, de atmosfera e o tamanho pequeno do asteroide provocavam a sensação de estar suspenso no espaço, de ser mais um dos corpos celestes. Haveria de convencer Zorid a dar-lhe um óculos de lentes de observação como o que ele usava. E Zéfig iria até aquele asteroide, que ele considerava o melhor ponto de observação do céu em Zenaga. E poderia ver as mais distantes galáxias.

Viu o pequeno veículo prateado de Jóji aproximando-se. Ele desceu no asteroide e Zéfig foi ao seu encontro.

— Não esperava encontrar-te aqui. Blábis está ocupado com antimateria. Estou a esperar, mas talvez demore muito. — Disse Zéfig, ajudando Jóji a descer da nave.

Jóji tinha baixa estatura. Pouco mais do que a altura de uma mesa. Sua pele era verde claro e tinha suaves listras cinzas. Ele era muito magro e suas pequenas pernas mal conseguiam subir e descer da nave. Seu olhos eram os mais graciosos que Zéfig tinha visto. O

Olho direito era amarelo com pingos cor de vinho. O olho esquerdo era marrom com listras brancas. Seu cabelo era multicolorido. Tinha fios laranja, vermelho, roxo, verde, amarelo e cinza. Ele sempre trajava uma túnica, mesmo quando viajava.

— Não vou demorar. Apenas gostaria de entregar esses desenhos para ele. Imagina que o cientista obsessivo disse-me que eu não seria capaz de representar uma molécula de água.

— E tu conseguiste? — Perguntou Zéfig.

— Aqui está. — Respondeu Jóji, entregando uma lámina de ouro para ele.

— Jóji, eu sempre fico impressionado de ver como tu consegues representar corpos celestes e seres e paisagens que tu nunca viste.

— Eu como tu, como tudo o que existe no Universo, somos parte do grande todo. Sendo parte, somos o universo todo dentro de nós, temos o universo todo dentro de nós, é só entrarmos em sintonia com nós mesmos e com o universo e enxergaremos o todo dentro de nós. E seremos o todo dentro do universo.

— E isso acontece o tempo todo, não é mesmo?

— O que foi, e o que não foi. O que é, e o que não é. O que será, o que seria, e o que nunca será. Por gentileza, entrega esta lámina para o Blábis. Tenho de ir. — Jóji falou, inclinando-se numa reverência para Zéfig. Partiu em seu pequeno veículo prateado.

Zéfig esperou mais um pouco e decidiu bater palmas em frente ao laboratório. Blábis gritou dizendo que não podia sair.

— Está certo, eu volto amanhã.

Olha, vou deixar aqui no chão uma lámina que Jóji deixou para ti. Até amanhã.

— Até amanhã, Zéfig. —

Gritou Blábis dentro da casa.

Zéfig seguiu pela trilha de asteroides e percebeu o pequeno veículo de Zorid suspenso no ar perto de Dasika, um dos asteroides onde sua tia Zahira Zinda costumava expor-se aos raios cósmicos. Deixou seu veículo um pouco distante e caminhou a passos silenciosos até chegar perto do local. Percebeu que Zorid estava escondido atrás de uma grande rocha de safira.

Ele preparou seu óculos de observação estelar para a distância até a lagoa de ouro derretido que fumegava ao longe. Estava bem focalizada. Enxergava todos os detalhes. Ela não tardaria a chegar. Os planetas estavam alinhados desde o dia anterior.

Uma pequenina nave cor púrpura desceu. Quando a porta abriu, Zorid aproximou o foco das lentes. Era ela, Zahira Zinda, que chegava para passar os cremes e expor-se aos raios cósmicos . Ela chegou perto da lagoa, tirou sua túnica prateada e recostou-se numa pedra de safira. Permanecia em transe, os olhos fechados, imóvel. E ficaria assim ainda por muito tempo, absorvendo aquela energia que ela acreditava ser tão benéfica para sua pele.

— Olhando a Zahira de novo!

Zorid assustou-se quando se virou e viu Zéfig.

— Não fala nada para ninguém. — Disse Zorid, erguendo-se do chão e caminhando a passos largos para seu pequeno veículo

de viagens curtas.

— Eu já te vi muitas vezes espiando minha tia e nunca falei nada.

— Continua assim.

— Um dia, eu também te pedirei um favor, e tu vais ter que atender-me.

— Tenho de ir. — Disse Zorid, entrando no veículo.

Zéfig foi embora e chegou em sua casa muito tarde. Zhyma já estava dormindo. Toda a Lusitânia estava em repouso. Ele recostou-se em sua nuvem de algodão verde com círculos azuis e dormiu. Sonhou com o óculos de Zorid e com a Torre do Sincronismo. Havia muito tempo que não ia lá. Talvez na semana seguinte.

## C A P Í T U L O   V I

Depois de sete meses. o capitão e sua tripulação terminaram a construção da hospedria e de quatro casas. Prosseguiam erguendo mais casas, para os novos casais que se formavam.

Martim Francisco e seus homens descansavam em torno da fogueira depois de mais uma manhã de trabalho árduo na construção do prédio da sede do governo, que os zirados insistiam em chamar de coordenação do planeta Estrela do Tejo.

Fazia calor naquele dia, depois de três semanas de chuvas sem parar. Os homens tomavam caldo verde de uma grande bacia que as mulheres de alguns deles tinham

preparado. O prédio estava pela metade. O capitão estimava que demorariam mais uns dois meses para terminar. Iria estabelecer a organização do sistema de acordo com os costumes do zirados, de requisições de suprimentos de acordo com a necessidade de cada habitante. Entretanto, conseguiu convencer Zorid e levar para Zaus a proposta de permitir que eles explorassem os recursos naturais e minerais de Estrela do Tejo e comercializassem os produtos que criasse com os elementos daquela terra.

Em troca pelas mercadorias, aceitariam as pedras de que eles dispunham em quantidades abundantes. Fazia muito tempo que Zaus não permitia uma viagem à Terra, nem mesmo próximo da galáxia. Dizia que não havia necessidades para os povos das galáxias coordenadas que justificassem uma ida até Bolota no momento. Depois que terminassem a construção de todos os prédios para a organização de Estrela do Tejo, Martim Francisco iria tratar do negócios entre seus homens e os povos coordenados.

Manuel já tinha ido estabelecer contato com os dois povos mais ricos em pedras, os xertysanos e os sangrilos. Além da abudância das pedras e do ouro e da prata, também eram os mais populosos de toda a galáxia de Zenaga. Manuel combinou com o coordenador xertysano, Frederíades, que assim que terminassem a construção dos prédios do governo de Estrela do Tejo, ele e uma comitiva visitariam o planeta para conhecer Martim Francisco e seus assistentes de coordenação. Nesse encontro, o capitão tencionava estabelecer contatos entre seus homens e os xertysanos e torná-los mercadores e compradores dos produtos dos dois planetas.

Muitos marinheiros estavam entusiasmados com a ideia de praticar um novo ofício e pressentiam lucros

orbitais, todos acreditavam que voltariam para a Terra muito ricos. Alguns haviam-se casado com xertysanas e ziradas. Nenhuma sangrila recebeu permissão do coordenador deles, Sangri-li-ou, para casar-se com um português. Os sangrilos eram muito fechados em si mesmos. Estabeleciam relações comerciais entre os outros povos da galáxia, mas, para constituir famílias, só casavam entre si.

O outro coordenador dos sangrilos era o irmão mais novo de Sangri-li-ou, Sangriliz, muito mais disposto a envolver os sangrilos em todos os povos, assim como era muito mais hospitaleiro com os visitantes, mas apesar de sua permanente atitude integradora, o irmão sempre acabava conseguindo que o povo sangrilês votasse de acordo com suas opiniões. Era o único planeta onde havia dois coordenadores.

Dizia-se que o pai deles foi um grande coordenador que, em apenas uma geração, havia conseguido que os sangrilos, de belicosos e inconsequentes, passassem a apreciar o estado de tranquilidade da galáxia e aprendessem as ciências dos zirados para desenvolver o próprio conforto.

Depois da morte do grande Sangri-o, o filho mais velho quis a todo custo retornar ao estado de beligerância que reinava ao tempo de seu avô, cujo termo foi selado pelo grande Sangri-o, após a morte do pai. Chegou a ocorrer uma batalha entre Sangri-li-ou e Sangriliz, mas os povos coordenados intervieram e o filho mais velho desistiu da disputa pela coordenação, aceitando dividi-la com o irmão. Entretanto, volta e meia, insinuava um retrocesso à beligerância, embora não executasse nenhum ato de agressão. Enquanto ele continuasse a aceitar a solução das controvérsias pelo zubath, estariam todos tranquilos.

Manuel esteve com Sangriliz

que, imediatamente, aceitou o convite para visitar Martim Francisco em Estrela do Tejo, na inauguração dos prédios da coordenação. Manuel fez o mesmo convite a Sangri-li-ou, mas ele foi esquivo. Não aceitou nem recusou. Sempre parecia tecer muitas outras considerações além daquelas evidentes numa conversa. O que não se podia negar, e isso Manuel demonstrou para Martim Francisco, era que o irmão mais velho tinha uma inclinação muito mais forte para o intercâmbio de produtos entre os dois planetas do que Sangriliz. Martim Francisco deveria ser muito cauteloso para lidar com os dois irmãos e preservar os interesses dos portugueses.

Muito ainda precisava ser feito naquela terra rica e exótica, mas os portugueses estimulavam-se a cada dia, mais e mais, tanto pelos envolvimentos amorosos com as ziradas e xertysanas, quanto pelo inusitado dos dias de muitas horas ou alguns minutos. Divertiais-se nos asteroides de noites de quarenta minutos e dias de vinte e cinco. Passeavam pelos planetas de lagoas de ouro e prata derretida e pisavam nas areias de esmeraldas em pó. Uma terra de maravilhas, onde haveriam de tornar-se ricos e felizes.

Martim Francisco convocou Zéfig e Manuel para uma reunião dias após o término da construção do prédio da sede. Pretendia fazer uma grande comemoração festiva com a presença de Zaus, seu tribuno Zorid, e Frederíades, o coordenador dos xertysanos e Sangriliz, dos sangrilos, cada qual com suas comitivas. Sangri-li-ou ainda estava reticente. Não havia confirmado a presença na inauguração.

— Como tu pretendes fazer a inauguração? — Perguntou Zéfig.

— Deixo a festa para tu

organizares. Leonor e Zhyma também podem ajudar-te. Tu conheces os costumes deles muito melhor do que eu. Confio-te esta tarefa.

— O que devo fazer, capitão? — Manuel perguntou.

— Quero que vás ter com Sangri-lion. Deves convencê-lo a participar da inauguração. Argumenta que o irmão virá e ele não deve ficar à parte de um encontro que vai envolver tanto sangrilos, como xertysanos e zirados. Comunica a ele que Zaus confirmou a presença. Acredito que ao tomar conhecimento da importância dessa inauguração ele virá. Se ainda assim, ele mostrar-se hesitante, oferece-lhe aquela garrafa de azeite que temos guardado há muito tempo.

— O azeite, capitão! Temos usado com tanta parcimónia, duas ou três gotas em nossas festas especiais. Ainda não conseguimos fazer um azeite igual aqui. Ele não tem paladar para apreciar. Estou certo de que vai jogar tudo fora. Não! Não me ordenes isto, capitão.

— Manuel, certa vez eu trazia comigo a garrafa de azeite e desci em Zuribad para tratar de alguns assuntos de Estrela do Tejo com Zorid. O sangrilo estava lá e esperamos por cerca de meia hora até Zorid receber-nos. Estive a conversar com ele no grande salão e, à certa altura, ele fez sua refeição da fórmula pessoal e eu retirei de minha bolsa um pedaço de pão e molhei com algumas gotas de azeite. Ele salivou como um cachorro quando sentiu o cheiro do azeite. Eu ofereci um pedaço de pão e ele comeu e só não devorou tudo porque Zorid chegou e chamou-nos para a audiéncia.

— Está certo, capitão. Farei tudo o que for preciso.

Durante toda a semana seguinte, Zéfig e Zahira estiveram muito ocupados com os preparativos para a inauguração da sede de Estrela do Tejo. Raramente Zaus comparecia às inaugurações de novos planetas, era sempre Zorid que comparecia como seu representante oficial. Tornava-se, pois, muito honrosa, a presença de Zaus à festa.

Leonor encarregou-se do banquete. Zhyma e ela fizeram muita farinha, colheram muitas azeitonas e legumes e encomendaram muito milho para Báblis reproduzir. Não haveria tempo para esperar as espigas crescerem e ficarem maduras. Ele ajudou-as a garantir a quantidade necessária para todos os convidados, fazendo muitas cópias.

No dia da comemoração, Estrela do Tejo estava toda enfeitada com bandeirinhas coloridas penduradas no alto das casas e postes da praça. Eram feitas de seda que Blábis desenvolveu a partir de uma blusa de Leonor trazida da Terra.

Os habitantes estavam aglomerados na praça. Os marinheiros portugueses em suas novas vestimentas, os macacões de tecido brilhante. Muitos estavam acompanhados de suas esposas xertysanas e ziradas. Algumas delas estavam grávidas.

Uma comitiva de naves espaciais pequenas aproximou-se no céu de Estrela do Tejo. As naves pararam no ar, fizeram algumas manobras ornamentais e, aos pares, enfileiraram-se e desceram suavemente, alternando cada par, jatos de fumaça verde e vermelha. A multidão aplaudiu e saudou os xertysanos com muito entusiasmo.

Martim Francisco estava no alto de uma grande pista de rubi erguida sobre quatro colunas de diamante. A nave principal pousou na pista e dela saiu Frederíades, muito aplaudido e

ovacionado pelos estrejanos, como os portugueses tinham escolhido denominar-se para a galáxia de Zenaga.

Martim Francisco esperava Frederíades aproximar-se do centro da pista, onde aguardava ao lado dele Zéfig, com uma túnica de frente verde e vermelha nas costas. Leonor vestia uma túnica negra com bordados de imagens de animais em fios de ouro. Manuel estava com uma macacão azul escuro e o capitão vestia um macacão negro com um galo bordado em fios de ouro no peito.

Mais uma pequena esquadra surgiu no céu. As naves circundaram a praça e lançaram um poeira dourada sobre os estrejanos. Pó de ouro. Era sangriliz e sua comitiva. Sua nave pousou na outra extremidade da pista e ele desceu. Ficou em pé e foi aplaudido demoradamete. A plateia estava muito emocionada com sua presença no planeta. Ele era muito carismático. Aguardou para ser chamado até o centro e cumprimentar Martim Francisco.

Seguindo o protocolo à risca, todos deveriam esperar o coordenador das galáxias chegar e, só então, cada qual rumaria ao encontro do coordenador do planeta visitado e cumprimentaria o povo na pessoa de seu coordenador. Zaus cumprimentaria por último, representando a acolhida de toda a galáxia ao novo planeta coordenado.

De repente, fez-se uma grande nuvem negra sobre a pista. Surgiram pequenas estrelas douradas. Voavam graciosamente por ela, cometos verdes e cintilantes, e explodiam estrelas douradas e tornavam-se vermelhas. Um rico espetáculo, minucioso, formoso, anunciando a chegada da comitiva de Sangri-li-ou. A multidão aplaudia, gritava, atirava lenços no ar. A nave desceu e Sangri-li-ou saiu e colocou-se ao lado do irmão Sangriliz.

O dia estava ensolarado, nuvens brancas espalhavam-se aqui e ali pelo céu azul claro de Estrela do Tejo. A multidão vibrava em êxtase com a festa intergalática. Soaram três badaladas de sinos. As nuvens foram-se movendo e formando desenhos de estrelas e cometas. Uma nuvem maior parecia um massa sendo modelada suavemente. Todos olharam para o céu, ansiosos pela forma que surgiria. Como se uma mão invisível ajeitasse a grande nuvem nas bordas, desenhou-se a imagem de um grande galo, do qual surgiu a nave de Zorid. Gritos e aplausos ruidosos aclamaram a chegada de Zaus.

A grande nave parou sobre a pista e um feixe de luz desceu dela até o chão. As partículas luminosas brilhavam e moviam-se com grande velocidade. Como uma poeira cósmica formando uma estrela, giravam e giravam cada vez mais rápido e foi-se formando uma esfera de brilho intenso, primeiro púrpura, depois lilás e tornou-se uma grande esfera azul escuro cintilante repleta de estrelas brancas em seu interior. A esfera foi girando e traçou uma trajetória circular cada vez mais ampla até chegar à frente de Martim Francisco, onde parou e girou sobre si mesma à frente do capitão. Soaram mais três badaladas e foi lançada, de dentro da esfera azul estrelada, uma pequena caravela de ouro que entrou na órbita da esfera e girava em torno dela.

A multidão delirou. Jogaram lenços na pista. Martim Francisco controlou as lágrimas. Não podia derreter-se na frente dos outros coordenadores. Zéfig não parava de gemer. Leonor ajoelhou-se no chão e foi ver a pequena caravela girando em torno do globo estrelado. Seus olhos entraram numa espécie de transe.

Zaus desceu da nave e foi aplaudido por muito tempo. Gritavam "galáxias coordenadas", "Viva a

coordenação!", "Universo sem fronteiras!"

Zéfig trouxe Leonor para perto de Martim Francisco. Prosseguiu no protocolo. Fez sinal para que a multidão silenciasse. Aos poucos, os ruídos foram-se tornando esparsos e a multidão olhava atentamente para a pista. Zaus estava no centro em frente a Martim Francisco. Zéfig tocou o braço do capitão, que deu um passo à frente e começou a falar.

— Senhoras e senhores, povos das galáxias coordenadas, senhor coordenador do sistema Xertys, senhores coordenadores do sistema Sangrilert, senhor tribuno Zorid, senhor coordenador das galáxias, Zaus. Eu vos saúdo. O povo lusitano, do sistema Lusitânia, apresenta-vos as boas vindas ao planeta Estrela do Tejo. Nós, estrejanois, como doravante seremos conhecidos, estamos honrados com vossa presença à inauguração oficial de nossa sede de coordenação. Esperamos que esta seja a primeira de muitas visitas que receberemos dos povos coordenados. É também a vossa casa. É uma casa portuguesa, com certeza.

O aplausos foram efusivos. Frederíades sorria para a multidão. Sangriliz acenava muito e Sangri-li-ou apenas inclinou a cabeça num gesto de agradecimento pelas palavras de Martim Franciso. Zaus aplaudiu junto com a multidão e Manuel olhou fixamente para Zorid, que mesmo naquele emocionante momento, limitava-se a olhar sem dizer nada.

Zéfig sussurrou ao ouvido do capitão e ele disse em voz alta para os convidados que passariam aos cumprimentos oficiais. Frederíades andou até o centro da pista e abriu os

braços para Sangriliz que o envolveu ternamente, beijando-lhe na boca. A seguir, Frederíades foi ao encontro de Sangri-li-ou que o abraçou e beijou demoradamente. Manuel correu para o fundo da pista e pulou para o chão, desaparecendo na multidão. Leonor olhava para um lado e para outro. Martim Francisco segurava a adaga que trazia por debaixo da roupa na altura da cintura. Sangriliz vinha na direção de Martim Francisco com os braços abertos e sorrindo como um bebê. Leonor ficou pálida, olhando para o marido e para o sangrilo. E Sangriliz aproximava-se cada vez mais de Martim Francisco, quando repentinamente, Zéfig interceptou sua trajetória, envolvendo-o num forte abraço, beijando suas faces e, por fim, sua boca, acariciando seu pescoço.

Leonor suspirou aliviada. Foi até a mesa onde estavam os quitutes que havia preparado para receber os visitantes e bebeu água. Martim Francisco olhava o primo beijando o sangrilo imóvel. Lentamente, virou-se para a mesa de quitutes, foi até o grande barril de vinho que estava ao lado e mergulhou o rosto. Bebeu como se fosse um gato e ergueu a cabeça. Leonor estava a seu lado com um pano e enxugou-lhe as faces. Frederíades chegou rindo ao lado de Martim Francisco e também mergulhou o rosto no barril. Demorou para levantar. Leonor enxugou seu rosto também. Vieram os irmãos sangrilos e mergulharam no vinho.

Zaus aplaudia o tempo todo. Sorria um sorriso enigmático. Pela primeira vez, Martim Francisco viu Zorid rir. Leonor encarregou-se de distrair os convidados com caldo verde, espiga de milho e azeitonas.

## C A P Í T U L O   V I I

Aproximava-se o dia do Zubath. Todos os povos das galáxias coordenadas aguardavam com muita ansiedade o grande encontro intergalático. Acontecia de quatro em quatro anos terrestres, mas essa medida de tempo não fazia o menor sentido para eles. Reuniam-se em zubath quando o planeta Xertys e Estrela do Tejo estavam alinhados com a constelação de Freygus, que Martim Francisco nunca conseguiu ver.

Zéfig havia-lhe explicado um pouco o que acontecia no zubath, mas ele não tinha prestado muita atenção. Estava sempre com a rota comercial em mente e seus homens tinham começado a produzir algumas mercadorias que vinham sendo vendidas para a seção de Sangrilert que ficava sob a coordenação de Sangri-li-ou.

Estava em sua pequena nave, a canoa de ouro, como Leonor gostava de chamar, esperando que sua esposa não demorasse muito para arrumar-se. Manuel surgiu na praça e perguntou se poderia permanecer em Zuribad por todos os dias do zubath.

— É mais de uma semana, Manuel, tu agora és o assistente do coordenador de um planeta. As pessoas recorrerem a ti para resolver os problemas entre si e os outros coordenados. E se tu não estiveres lá e acontecer alguma emergência?

— Capitão, eu pensei que poderia ter um substituto. Já imaginaste se adoeço? Como ficam os estretejanos? Preparei um rapaz e ele está ciente de todos os encargos. É um xertysano muito brioso. Seu nome Phaci.

\_\_\_\_ Manuel, se eu não te  
conhecesse há tanto tempo, talvez acreditasse em tuas intenções pueris. Mas  
não embarco nessa encenação de que queres deixar alguém a fazer teu  
trabalho para aproveitar a diversão do zubath. Desembucha. O que estás a  
tramar?

\_\_\_\_ Capitão, não sou homem de  
tramas. Rogo que me concedas a folga. Nada mais.

\_\_\_\_ Concedo-te . \_\_\_\_ Respondeu  
Martim Francisco. Sabia que ele não iria revelar suas verdadeiras intenções.  
Deveria vigiá-lo e começaria pelo tal Phaci. \_\_\_\_ Leva meu substituto à sede  
da coordenação amanhã cedo. Quero conhecê-lo.

\_\_\_\_ Ele irá , capitão. Olha, Leonor já  
está pronta.\_\_\_\_ Disse Manuel, apontando para a bela jovem loira, vestida  
numa túnica vermelha com bordados dourados. \_\_\_\_ Eu e os outros vamos  
esperar por Zorid. Ele vai levar-nos na grande nave. As crianças também  
poderão ir. Zaus autorizou.

\_\_\_\_ Encontro contigo lá. \_\_\_\_ Estás  
linda, meu amor. \_\_\_\_ Disse Martim Francisco, ajudando Leonor a entrar no  
pequeno veículo. Zarparam e, num instante, desapareceram por entre as  
nuvens de Estrela do Tejo.

Dois asteroides antes de chegarem a  
Zuribad, onde aconteceria o zubath, havia aglomeração de naves. Povos de  
vários planetas e galáxias chegavam a todo instante , formando um fila de  
grandes naves e pequenos veículos para receber as placas de acesso. Uma  
organização por ordem de chegada, costume que se tornou universal.

Martim Francisco acenava para os  
conhecidos que surgiam ao redor. Leonor aguardava entediada. Não via a

hora de chegar no palácio de cristal e beber uma das águas coloridas. Blábis havia-lhe ensinado a colocar folhas de hortelã naquelas águas e tornavam-se uma bebida deliciosa, cada qual conforme sua cor. A água amarela com folhas de hortelã tinha sabor de café. A água azul com hortelã tornava-se vinho. Aos poucos, Leonor adaptava-se ao costumes de Zenaga. Zahira tinha dito que a melhor maneira para manter o corpo e a pele com o frescor da juventude era ingerir as fórmulas pessoais de Blábis. Ela ainda não conseguia alimentar-se apenas com as fumaças das fórmulas, mas controlava muito a quantidade de comida em cada refeição.

Esperaram por cerca de trinta minutos e puderam descer em Zuribad, mas a nave foi levada por um monitor zirado para não ocupar espaço diante do palácio. Todos chegavam em suas naves, desembarcavam e um monitor levava a nave embora.

O casal estrejano entrou no palácio e foram muito assediados pelos outros povos. Receberam cumprimentos de diversos coordenados e foram conduzidos a uma das mesas de diamantes. Era a primeira vez que participavam de um zubath como representantes de um novo povo coordenado. Leonor levantou-se e foi pegar a água amarela. Martim Francisco permaneceu na mesa olhando em volta o verdadeiro desfile de povos diferentes, com suas vestes extravagantes. Frederíades aproximou-se dele.

— Martim Francisco. É muita alegria estares aqui. — Disse o xertysano.

— E tu, nunca mais foste ao nosso planeta.  
Não gostas mais do nosso vinho?

— Gosto muito, e já encomendei uma quantidade maior. Não tenho saído do meu sistema ultimamente. Estamos a

fazer uma re-estruturação na sede da coordenação. E Dona Leonor?

— Foi buscar água.

— Encontro-te no zubath. Vais participar, não vais?

— Uma participação simbólica. Só consigo fazer o que Zéfig ensinou-me. — Disse o capitão modestamente.

— Todos começamos assim. Logo serás um grande campeão das galáxias.

Zorid aproximou-se da mesa e disse para Martim Francisco que Zaus precisava falar com ele antes do zubath. O capitão acompanhou o tribuno pelas escadas com degraus de safiras. Entraram na grande sala de Zaus. Ele cumprimentou o capitão e fez um gesto para que tomasse assento.

— Meu caro Martim Francisco.

As galáxias coordenados sentem-se honradas com os negócios que têm feito com os estrejanos. Estão muito alegres com as novidades que teu povo produz. Os estrejanos são considerados um povo benéfico para a coordenação. No entanto, como tu bem sabes, o estado de tranquilidade é conquistado a cada dia e cada noite com o esforço incessante de todos em todos os minutos para cuidar das diferenças e das controvérsias. Nunca podemos descansar ou ignorar os impasses. Por menores que sejam, devem ser resolvidos, ou tornam-se um oceano de descontentamento e tu conheces a ira dos mares.

— O estrejanos fizeram alguma coisa que contrariou outro povo coordenado? — Perguntou Martim Francisco.

— Não, meu caro amigo. E já

tivemos ocasião de constatar como os estrejanos têm habilidade para contornar as diferenças e manter boa convivência com os povos coordenados. Tudo o que disse há pouco refere-se aos outros povos das galáxias coordenadas. Aqueles que podem sucumbir com mais facilidade à beligerância. Toda vez que um novo planeta passa a integrar a coordenação galática, o seu coordenador recebe um artefato através do qual, se o povo do planeta considerar necessário por votação de todos os habitantes, pode-se envolver o planeta com um campo de força muito poderoso, como um escudo impenetrável, impedindo o acesso ou a entrada no planeta de seres estranhos. Do mesmo modo, ninguém no planeta poderá sair. Cada povo decide como usar este artefato.

Zorid aproximou-se de Martim Francisco e entregou-lhe um cilindro de ouro onde estava incrustado um rubi e uma esmeralda.

— Se algum dia os estrejanos quiserem fechar seu planeta, tu deves arrancar as pedras e o campo de força será acionado. — Disse Zaus.

Martim Francisco guardou o cilindro no bolso do macacão e passou alguns minutos conversando sobre amenidades com Zaus e Zorid. No grande salão, Leonor andava de um lado para o outro calmamente, cumprimentando conhecidos de outros planetas quando ouviu a voz de Zahira Zinda.

— Leonor! Querida! Quanto tempo.  
— É mesmo, há muito tempo tu não vais a Estrela do Tejo. — Disse Leonor, abraçando-a.

— E há muito tempo tu não vais a Lusitânia. Por que? — Perguntou Zahira.

— Eu estou tão bem em casa.

E tu sabes que incomoda-me muito aquela estória de entrar na sala de fumaça e trocar de ar toda hora para ir de um planeta a outro.

— Mas fizeste isso para vir aqui! Tens mais consideração pelos zubathotas do que por nós?

— Zubathotas?  
— É como nós chamamos os participantes do zubath. — Respondeu Zahira.

— Zahira, sabes que eu gosto muito de ti. Esta é a primeira vez que os estrejanos participam do zubath. Meu marido é o coordenador, eu tive que vir.

— Tu vais apostar em quem? — Perguntou Zahira, retirando a placa de requisições de dentro da túnica.

— Não sei, tens alguma sugestão? — Perguntou Leonor.

— Deves apostar no teu marido, mas também podes ganhar se apostares em Zorid. Ele é o campeão. Tu vais ficar impressionada quando vires.

— Está bem. Onde podemos fazer apostas? — Leonor perguntou.

— Vamos para o pavimento superior. — Falou Zahira, conduzindo Leonor pelo braço para a escada de degraus de safiras.

— Tens visto Jóji? Preciso fazer encomendas de roupas. As minhas já estão muito gastas. — Disse Leonor.

— Estive na casa dele na

semana passada. Tu não vais acreditar. Blábis estava lá também e os dois estavam discutindo quando eu cheguei. Não consegui entender qual era o motivo da briga. Só sei que quando o Blábis me viu, disse que eu esperasse porque iria pegar meus cresmes que estavam no veículo dele parado perto da casa de Jóji. Foi então que o Jóji disse que não precisava fazer cálculos e fórmulas para criar bálsamos para a pele e coisas assim. Que eu deveria estar em sintonia com todo o Universo e harmonizar-me com a matéria, a antimateria e tudo o que existe. E que essa é a beleza real, ou viva, ou sei lá. Então, o Blábis disse para ele se dissolver na antimateria e embelezar o vácuo na escuridão.

— Aqueles dois nunca vão chegar a um acordo. — Leonor falou, rindo.

Soou um sinal e, aos poucos, os participantes foram-se dirigindo para o grande salão do zubath. Havia fileiras de bancos de platina dispostas em semicírculo que formavam vários anéis e terminavam num grande palco de piso de ônix negro. Cada um foi tomando assento. Zahira e Leonor sentaram-se numa fileira do alto. Zéfig veio juntar-se a elas. Sentou-se entre as duas. Avistaram Martim Francisco e Manuel abaixo, caminhando pelo palco. Elas acenaram e eles responderam. Sentaram-se numa fileira no térreo, em frente ao centro do palco. Soou outro sinal e as luzes foram apagadas. Só o palco estava iluminado.

Zaus surgiu de uma nuvem de cristais cintilantes e foi muito aplaudido. Um aroma de hortelã espalhou-se pelo ar. Ele olhou ao redor e encarou a plateia.

— Vamos começar o zubath.

Muitos levantaram-se, gritaram, fizeram gestos sincronizados. Outros aplaudiram. Era uma grande festa.

Zorid chamou Martim Francisco e conduziu-o até o centro do palco. Foi até Frederíades e ele colcocou-se do lado oposto ao capitão no palco. Zaus ergueu as mãos e abaixou rapidamente. Surgiram, suspenas no ar, esferas coloridas e uma bola flamejante no centro, muito maior do que as outras esferas. Martim Francisco reconheceu o sistema solar. Percebeu Marte, Júpiter, a Terra, a Lua. Emocionou-se. Os planetas giravam e suas órbitas eram marcadas por uma fina poeira dourada em grandes círculos que quase se fundiam.

Zorid trouxe um bastão de prata para cada um. Frederíades deixou seu bastão no chão. Martim Francisco imitou-o. Vieram monitoras ziradas com macacões negros e pele de pérola, muito lindas. Massagearam os dois. Primeiro a frente, depois o pescoço e por fim as costas. Afastaram-se. Zaus fez um sinal e Frederíades pegou seu bastão de prata do chão e ergueu no ar. Martim Francisco fez a mesma coisa.

Do alto do salão, Leonor e Zéfig assistiam à tudo. Ele sussurrava para ela as etapas seguintes, pois Leonor nada sabia sobre o zubath.

— É universia, tenho certeza que Zaus escolheu esse porque o capitão é novato no zubath. Olha, percebeste que são os planetas de tua galáxia, não é mesmo?

— Sim, percebi, e o que eles vão fazer?

— Eles devem atingir os planetas com os bastões de prata.

— Só isso? — Perguntou Leonor.

— É a primeira vez do capitão.

Ouviram mais um sinal e Zaus disse que eles poderiam começar. Frederíades bateu com o bastão no ar, mirando

a direção de Júpiter.

— Órbita. — Disse Zaus.

O raio laser que saía do bastão de Frederíades só tinha conseguido atingir a linha dourada da órbita de Júpiter. Martim Francisco concentrou-se e mirou Marte. A plateia gritou quando o planeta vermelho explodiu num brilho intenso e desapareceu.

Continuaram com o zubath e Frederíades terminou vencedor. Martim Francisco foi muito aplaudido e agradeceu com muitas reverências.

Sangri-li-ou foi para o centro do palco. Zorid colocou-se no lado oposto. A multidão estava histérica. Não paravam de gritar o nome de Zorid. Levantavam-se, assobiavam, gritavam, aplaudiam. Zaus pediu que fizessem silêncio.

Os dois receberam bastões de prata e as monitoras vieram fazer as massagens. Zaus ergueu uma das mãos e surgiu no centro uma estrela grande muito brilhante e planetas girando em sua órbita, com algumas luas. Asteroides seguiam devagar na periferia do sistema e três cometas espalhados pelo espaço giravam em torno de si mesmos.

Sangri-li-ou levantou o bastão e mirou um dos planetas com seu raio laser. A cada planeta que atingia soava, um sinal e uma poeira dourada caía do teto sobre uma grande arca de prata aberta no canto do palco.

— Eles têm que atingir a estrela ou mandar o maior número de planetas para o buraco negro. — Explicou Zéfig para Leonor.

Zorid ergueu o bastão e

acertou a grande estrela que explodiu, aumentou de tamanho, ficando cada vez mais vermelha, foi inchando e engolindo todos os planetas, um a um desapareciam e a estrela ficava cada vez maior.

A plateia gritava em êxtase.

Zéfig levantou-se do banco e urrava alucinado.

Sangri-li-ou abaixou o bastão e olhava resignado. Depois de engolir todos os planetas, a estrela foi-se contraindo, cada vez mais, até desaparecer na escuridão. Tinha-se tornado um buraco negro.

Uma grande quantidade de poeira dourada caiu sobre a plateia. Todos ficaram cobertos de ouro em pó. Zorid permaneceu no palco. Sangri-li-ou cumprimentou-o e retirou-se. Veio seu irmão, Sangriliz. As monitoras massageram-no. Zorid dispensou a massagem.

Zaus ergueu as mãos e novamente surgiram corpos celestes suspensos no ar. Havia, agora, três estrelas formando um triângulo no centro das linhas douradas das órbitas de planetas que giravam ao redor. Dentro do triângulo, com uma estrela em cada vértice, havia seis luas. Sangriliz mirou seu bastão com vigor nos planetas e seu raio laser mandou vários deles para dentro do triângulo, colidindo com as luas. Assim que esbarravam nelas, eram arremessados de volta, como se batessem em bolas de borracha. Zorid também mirava o bastão nos planetas e eles batiam nas luas e voltavam. Os dois competidores estavam confusos. Sangriliz mirou mais um planeta com o bastão e ele foi para o centro do triângulo de estrelas, bateu numa das luas e, quando retornava, Zorid acertou-o com o raio laser de seu bastão direcionado para o planeta voador, interceptando sua trajetória antes dele encaixar-se novamente na órbita. Fez-

se uma explosão brilhante e o planeta desapareceu. Uma grande tempestade de ouro em pó atingiu a plateia em rajadas rápidas. Não se conseguia ver nada naquele nevoeiro dourado. Só se ouviam os aplausos e a multidão gritando o nome de Zorid. Mais uma vez, o grande campeão do zubath.

## C A P Í T U L O V I I I

A praça estava quase deserta. No calor da tarde, muitos habitantes de Estrela do Tejo faziam a sesta. Havia muitos dias que não chovia e o ar estava muito abafado. Martim Francisco vasculhou os recônditos entre pedras e árvores, atrás de casas, à eterna procura de um dos buracos de minhoca que pudesse levá-lo à Terra sem qualquer nave.

Já se tinha passado muito tempo desde a chegada dele e seus homens, e Zaus não manifestava o menor interesse em organizar uma expedição para a Terra. O capitão havia lido nos pergaminhos de Dom Vasco que, de fato, receberam em Lusitânia a visita de um ser de outra galáxia, mas era tão incompreensível o que ele dizia que o conduziram até o túnel, onde ele entrou e nunca mais retornou. Temendo aquela criatura tão estranha, de rabo de lagarto e focinho de lobo, fecharam a entrada do túnel com grandes blocos de rubi e afastaram-se do lugar.

Martim Francisco não temia criaturas medonhas, apenas queria encontrar um atalho para viajar até a Terra e estabelecer a remessa de pedras e ouro, fosse ou não fosse do interesse de Zaus, que, muito polido na conversa, não lhe trazia qualquer informação sobre as galáxias, as ciências, enfim, explicava o que queria que ele soubesse, nada mais. O capitão fez-lhe várias perguntas, cujas respostas eram evasivas. Estava farto daquele mistério.

Caminhou até um grande poço que eles haviam construído para armazenar a água das chuvas de Estrela do Tejo. Refescou-se com várias canecas jogadas sobre o pescoço e o rosto. Deteve-se por alguns instantes admirando a obra que haviam erguido. Parecia uma cidade portuguesa. Pensou em seu avô. Certamente sentiria orgulho dele.

Estava realizando, dia após dia, havia cinco anos terrestres, a construção de um reino português nas estrelas e haveria de estabelecer a rota comercial entre a Terra e a galáxia de Zenaga e os descendentes lusozirados ou xertylusitanos visitariam Lisboa e envolveriam-se em laços fraternos e familiares com os portugueses e outros povos da Terra. Martim Francisco dedicaria seu vigor a essa missão.

Lembrou-se de sua mãe. Quando partiram da Terra, ele teve a impressão de que seu sogro, Dom Bartolomeu, estava mais do que disposto a ampará-la. Leonor concordava com ele, embora Manuel insistisse em que ela permaneceria viúva, nunca esqueceria o pai de Martim Francisco. Manuel tinha tanta certeza quando falava sobre esse assunto que o capitão estranhava. Não lhe parecia que ele tivesse tanto conhecimento dos sentimentos de sua mãe. Enfim, mesmo que Dom Bartolomeu e sua mãe não se casassem, ele nunca a deixaria desamparada. Disso Martim Francisco não tinha dúvidas.

O capitão caminhou a passos vagarosos para o arredores da cidade. A grande planície estava verdejante. Muitas oliveiras, árvores frutíferas e campos cultivados. Sentou-se à sombra de uma macieira e fechou os olhos, sentindo a brisa suave e morna daquela tarde.

Ouviu passos nas folhas secas e abriu os olhos. Viu entre as árvores um rapaz que aparentava uns vinte e

cinco anos. Não era muito alto. Tinha cabelos negros muito lisos, cortados à moda dos romanos. O rosto barbeado, mostrava bochechas redondas como as de um bebê. A pele morena de sol, uma pequena protuberância no ventre e pernas um pouco roliças. Usava uma camisa amarela de mangas curtas e um calção verde que ia até os joelhos. As pernas peludas estavam descobertas e calçava um estranho sapato de sola muito grossa. Seu rosto estava quase encoberto pelas lentes escuras de um adorno que usava sobre o nariz e prendia-se em cada uma das orelhas. Um óculos de lentes escuras. Ele caminhava devagar, olhando tudo em volta. Martim Francisco levantou-se e chamou o rapaz.

— Quem és tu?

— Oi! Eu sou o Cássio. E aí? Tudo bem? — Disse o rapaz, estendendo a mão para Martim Francisco.

— Nunca te vi aqui. Tu moras em que planeta? — Perguntou o capitão.

— Tá de brincadeira, né. Tá bom.  
Eu sou do planeta Terra e você, é algum E.T.?

— Tu tens uma maneira peculiar de falar. De onde vieste?

— Colega, eu estava andando na praia e vi umas pedras e resolvi deitar para tomar sol e descansar um pouco. Foi aí que eu vi um gruta e entrei. E fui andando e a gruta não tinha mais fim. Andei e andei e saí aqui.

— Tu estavas na praia?  
Entraste numa gruta e saiste aqui?

Cássio olhou para Martim Francisco rindo. Resolveu entrar na brincadeira.

— E você entrou numa cachoeira e saiu aqui, acertei?

— Tu conheces cachoeira? — Perguntou Martim Francisco, com os olhos cheios d'água.

Cássio ficou com o olhar preocupado. Aquele homem deveria ser doente. Fazia perguntas estranhas e chorava quando ouvia falar em cachoeira. Resolveu voltar logo para a gruta e sair daquele lugar.

— Valeu! Até. — Disse Cássio, saindo de perto de Martim Francisco e caminhando até a saída da gruta num pequeno morro perto dali.

— Espera! — Gritou Martim Francisco. — Tu tens que dizer-me por onde chegaste até aqui.

— Foi naquele morro. — Disse Cássio, apontando para um pequeno monte adiante das plantações.

Martim Francisco seguiu Cássio que olhava para atrás, vez por outra, preocupado com o que Martim Francisco pudesse fazer. Aproximaram-se do monte e Cássio mostrou a entrada de uma gruta atrás de uma grande pedra que ele havia afastado para sair.

— Eu sempre vi esta pedra aí, nunca imaginei que houvesse uma gruta atrás dela. — Disse Martim Francisco, examinando a entrada escura de um túnel sem fim.

— Bom, agora eu vou. Te cuida. — Falou Cássio, entrando no túnel.

Martim Francisco teve um lampejo. Só poderia ser um dos tais atalhos que levam a galáxias distantes

em minutos. E aquele rapaz deveria ser de uma galáxia parecida com a Terra. Ele foi atrás de Cássio. Sentiu uma forte pancada na testa e gritou de dor. Cambaleou até o chão e esfregou as mãos várias vezes na cabeça, tentando aliviar a dor. Cássio voltou do túnel e aproximou-se dele.

— Você tá legal?

Martim Francisco nem olhou para ele.

Apenas gemia de dor. Ele foi buscar água no grande poço. Quando voltou, o capitão estava em pé, com um grande galo na cabeça, examinando a entrada escura do túnel. Ele via o túnel, mas quando esticava a perna para entrar, sentia como se houvesse uma pedra ali. Ele não conseguia entrar.

Cássio viu os movimentos estranhos de Martim Francisco e preocupou-se. Porque ele fingia que havia uma barreira?. Por que não entrava no túnel de uma vez? Tinha que tomar muito cuidado. O sujeito era perturbado.

— Olha, toma água. — Disse Cássio entregando uma caneca para o capitão. — Como é mesmo o seu nome?

— Eu sou o capitão Martim Francisco de Magalhães. Sou o coordenador do planeta Estrela do Tejo, do sistema Lusitânia. — E tu, Cássio, de que planeta tu vens?

— Eu sou do planeta Terra, de um país chamado Brasil, moro na praia de Piraju. — Disse Cássio , olhando para o capitão com ar muito desconfiado.

— Tu vens do Brasil! — Disse Martim Francisco muito sorridente. — Venha cá, dá-me um abraço.

Cássio abraçou o capitão. Seus temores foram-se dissipando. O louco parecia manso.

— Então, você conhece o

Brasil? \_\_ Tem família lá?

\_\_ Tu falas de um modo

engraçado. \_\_ Diga-me, quem é o rei de Portugal? Felipe de Espanha?

Cássio resolveu entrar na brincadeira do capitão.

\_\_ Capitão, há muitas luas Felipe governou Portugal e Espanha, mas eis que o povo revoltou-se, e muitas vezes, e as coroas vieram abaixo e subiram os plebeus ao trono e não vão largar o osso.

\_\_ Trocaram a coroa por osso na cabeça? \_\_ Por que?

\_\_ Tá bom, já chega. Eu vou indo. Te cuida. Vai prá casa. Quer que eu leve você até lá. Onde fica?

Martim Francisco percebeu que o rapaz não fazia ideia de que tinha encontrado um atalho para outra galáxia. Ele com certeza vinha da Terra, mas de um lugar que Martim Francisco não conhecia. A parte do Brasil onde ele estivera não tinha homens como Cássio, só índios. Precisava ganhar a confiança dele e entender o motivo de apenas Cássio conseguir entrar no túnel. Haveria alguma espécie de chave ou senha para entrar? Martim Francisco decidiu aparentar ter mente frágil para atrair Cássio até sua casa. Uma vez lá, Manuel e seus homens ajudariam-no a deter o rapaz até que obtivessem todas es explicações.

\_\_ Minha casa é para lá. Eu tenho medo de ir sozinho. Pode aparecer um dragão. Ele quer me devorar há muito tempo.

\_\_ Eu vou com você. Tem alguém da sua família na casa? \_\_ Cássio perguntou, acompanhando o

capitão pela entrada da cidade.

— Tem minha esposa, minha tia, meu primo.

A praça estava deserta.

Cássio olhou em volta e elogiou a beleza da cidade. Perguntou o nome do lugar e o capitão disse, mais uma vez, que era Estrela do Tejo. Aproximaram-se da casa e o capitão chamou Leonor do lado de fora. Não demorou para que ela saísse. Usava um túnica amarela de um tecido brilhante dos zirados.

— Vês, este é Cássio, encontrei-o no bosque. Ele disse que vem do Brasil. — Disse Martim Francisco, fazendo um sinal para Leonor, que olhou para ele espantada, não tinha entendido.

— Tu vens do Brasil? Como foi? Zorid resgatou-te do mar? — Perguntou Leonor.

Cássio olhou para Martim Francisco surpreso. A família inteira era insana ou eles estavam encenando alguma peça teatral.

— Vocês estão rodando algum filme aqui? — Cássio perguntou.

— Filme? Do que tu estás a falar? — Perguntou Leonor.

— Eu estou a me mandar daqui. O rapaz está entregue. Fui. — Disse Cássio, saindo pela praça.

— Leonor, chama Manuel e dize para ele encontrar-me no bosque com alguns homens. Apressa-te. — Falou o capitão, correndo atrás de Cássio.

Cássio virou-se e viu que

Martim Francisco vinha seguindo apressadamente. Correu, o capitão correu atrás, ele saiu em disparada rumo ao bosque.

Quando saiu da cidade, percebeu que havia homens atrás de algumas árvores. Desviou de três deles, chutando-os e derrubando-os ao chão, até ser derrubado por dois homens que ele não percebeu de onde haviam surgido. Viu um homem de uns cinquenta anos com uma corda na mão. Amarraram-no e esperaram o capitão aproximar-se.

— Está preso, capitão. O que devemos fazer com ele? — Perguntou Manuel.

— Nada. Deixa que eu falo com ele. Onde está Zéfig?

— Está na sede da coordenação. Devo chamá-lo? — Perguntou um dos homens.

— Chama. Dize para que venha cá sem levantar suspeitas. Temos de ser muito cautelosos.

— Qual é! Essa brincadeira já tá indo longe demais. Olha, eu só quero ir pra casa. — Falou Cássio, tentando desamarrar-se

— Ouve com atenção. Nós viemos do planeta Terra numa grande nau metálica que voava por entre as estrelas. Esta é a galáxia de Zenaga, distante de nosso planeta muitas e muitas léguas. Existem uns tais túneis que podem percorrer essa mesma distância em minutos. Eu procuro por eles há muitos anos e parece que tu conheces esse atalho. E também me parece que tu não fazes ideia de tua descoberta. Se refletires e considerares a possibilidade de que seja verdade o que te digo, podemos soltar-te e tentar encontrar um atalho que nos leve de volta.

Cássio estava atordoado. Todo

mundo tinha bebido uma bebida muito estranha por ali. Estavam no mesmo delírio. Percebeu que só iria embora quando eles não estivessem olhando. Decidiu fingir resignação. Eles desamarraram os nós, sentaram-se no chão em círculo e esperaram por Zéfig.

Cássio desatou a rir. Ria um riso convulsivo. Os homens olharam para ele com receio de que estivesse enlouquecendo com todas aquelas revelações. Martim Francisco virou-se para o lado e viu Zéfig aproximando-se. Então, entendeu que Cássio ria dele. Aquela imagem lilás, correndo com uma túnica verde, quase tropeçando nos panos esvoaçantes, como de costume.

— Capitão, o que aconteceu? —

Perguntou Zéfig.

— Este rapaz apareceu aqui andando no bosque. Disse que estava numa praia, no Brasil, entrou numa gruta e saiu aqui, olha. — Disse Martim Francisco, afastando a pedra com esforço em frente ao pequeno monte.

Zéfig foi entrar na abertura do túnel e bateu a cabeça. Gritou de dor e esfregou a testa várias vezes. Os homens do capitão foram entrar e também não conseguiam atravessar o túnel.

Cássio olhava e não conseguia parar de rir. Estavam ensaiando alguma comédia, não havia dúvida.

— Capitão, permitem que eu conduza a conversa com o rapaz? — Perguntou Zéfig.

— Faça o que entenderes que seja melhor. Eu não consigo explicar coisa alguma. Ele ri de tudo. — Respondeu Martim Francisco.

Zéfig aproximou-se de Cássio e sorriu. Fez

sinal para que trouxessem água para ele. Um dos homens do capitão foi encher uma caneca do poço e retornou com a água. Zéfig entregou para Cássio que bebeu avidamente.

— Eu me chamo Zéfig, mas podes chamar-me de Zé.

Cássio recomeçou a rir. Zéfig olhou para ele com ternura, esperando que silenciasse para continuar a falar.

— Sou neto de um navegador português, Vasco de Magalhães, que desapareceu no mar com sua tripulação em 1501. Na verdade, eles foram salvos pelo povo zirado...

Cássio soltou uma gargalhada. Ficou vermelho de tanto rir. Zéfig fez sinal para que trouxessem outra caneca com água.

— Como eu dizia, eles foram salvos pelo povo da galáxia de Zenaga e trazidos para cá. Iniciaram uma colonização com as ziradas e geraram filhos, como meu pai, Zozys António, filho de meu avô Vasco e minha avó zirada Zalid. A minha tez lilás vem de minha origem zirada e meus costumes e a linguagem que falo vem de meu avô. Tudo parece estranho para ti. Deves pensar que somos insanos ou pândegos. Agora, se tu vens do Brasil, e tu achas tão estranho o que dizemos, é possível que venhas de um tempo diferente daquele de Martim Francisco. Posso explicar-te isso em outra ocasião. Dize, em que ano estavas quando entraste na gruta da praia?

Cássio olhou para Zéfig preocupado. Parecia que em algum canto de sua mente, as palavras do homem lilás faziam sentido.

— 2006.

Martim Francisco e Manuel

entreolharam-se. Os homens faziam comentários nervosos. Zéfig disse para todos refrescarem-se nas águas do poço. Um a um os homens do capitão saíram conversando entre si. Zéfig foi buscar mais canecas de água e entregou para Cássio, o capitão e Manuel.

Martim Francisco andava de um lado para outro. Balançava a cabeça. Estava muito nervoso. Zéfig aproximou-se dele. Colocou a mão em seu ombro e tentou abraçá-lo. O Capitão saiu abruptamente e colocou-se diante dele com o olhar enfurecido.

— Tu sabias. Tu sabias todo o tempo e não dissesse nada. Tu és um traidor. Tu não honras o sangue de Dom Vasco. Como pudeste?

— Acalma-te. Não é como estás pensando. — Disse Zéfig com paciência.

Cássio olhava para eles e sentia que alguma coisa muito grave estava acontecendo. Foi quando teve certeza de que não se trava de uma encenação, nem brincadeira. Por mais estranho que pudesse parecer, sentia que estava, na verdade, em outra galáxia.

Permaneceu em silêncio e esperou que eles entrassem em algum entendimento. Os ânimos estavam muito exaltados. O coitado lilás tentava controlar todo mundo e era insultado das mais variadas formas. Ele ouviu tudo em silêncio e esperou até que parassem de falar.

— Capitão, seria melhor que todos ouvissem em silêncio. Eu vou tentar explicar.

Manuel fez sinal para que os homens parassem de falar. Martim Francisco bebeu mais uma caneca de água e disse:

— Podes falar.

— Os túneis como buracos de minhoca podem ser um atalho entre uma galáxia e outra. E também podem ser um atalho entre um tempo como o da Terra e um tempo, digamos, sideral aqui de Zenaga. O fato de nós não conseguirmos entrar no túnel significa que nossas partículas não podem trocar energia com as partículas do túnel porque não somos da energia daquele tempo. Isto quer dizer que só o Cássio pode usar o túnel para vir até aqui e voltar para a Terra. Para o tempo em que ele vive.

— Nós nunca mais vamos voltar para o nosso tempo? — Perguntou Martim Francisco.

— Vão voltar. Eu asseguro.

Podem voltar com a nave de Zorid.

— Eu já percebi há muito tempo que eles nos prenderam aqui, essa é que é a verdade. Nunca mais falaram em viajar para a Terra. — Disse Martim Francisco irritado.

— Eu não acredito nisso. E eu conheço os zirados há mais tempo. Não tenho motivos para duvidar de Zorid quando diz que não fazem viagens por causa dos interesses da galáxias coordenadas. Sei que é verdade o que ele diz.

— Então, não existem túneis para o nosso tempo? — Perguntou Manuel.

— Existem. Nós precisamos encontrá-

los. E servirão como servem para Cássio. Em apenas alguns minutos chegaremos à Terra. Precisam acreditar nisso.\_ Disse Zéfig calmamente.

Um homem aproximou-se correndo.

\_ Capitão, Capitão! Zorid está na sede da coordenação. Perguntou pelo senhor. Disse que precisam conversar. Pediu para chamá-lo.

\_ Esconde o rapaz na casa de Manuel. Não fala para ninguém sobre Cássio. \_\_ Disse Martim Francisco percorrendo com o olhar cada um de seus homens.\_ Vou ter com Zorid e, à noite, irei para a casa de Manuel.

O capitão saiu apressadamente. Manuel e Zéfig conduziram Cássio pelo bosque. Evitariam entrar na cidade. O rapaz estava um pouco tonto. Caminhava devagar. Zéfig amparou-o com o braço.

\_ Acalma-te. Tudo está bem.  
Manuel chamou todos os homens para a sua casa. Zéfig foi buscar Leonor. Ela trouxe uma vasilha grande com caldo verde para Cássio. Assim que anoiteceu, Martim Franciso chegou à casa. Os homens do capitão sentaram-se no chão para ouvir as explicações de Zéfig. Ele ficou em pé, preparou-se para falar, bebeu um pouco de água e disse:

\_ No Universo, cada corpo celeste tem seu próprio tempo. Assim como na Terra um dia tem vinte e quatro horas, em Xertys, por exemplo, o dia tem 1.416 horas. Em Sangrilert, o dia tem dez horas e trinta e nove minutos. Se existe uma variação tão grande em apenas um único dia de um astro para outro, podem imaginar quantos elementos seriam diferentes num período de tempo de uma semana, um mês ou um ano. Teria decorrido mais de um século num planeta e menos de um mês no

outro. Na viagem entre um planeta e outro, ou entre uma galáxia e outra, o tempo decorrido depende da velocidade de cada nave.

— Dizem, na Terra, que nada pode superar a velocidade da luz. — Disse Cássio.

— Isso mesmo. Alguma coisa em torno de trezentos mil quilómetros por segundo. — Zéfig falou. — Por mais que uma nave chegasse perto da velocidade da luz e cruzasse o espaço velozmente, isso não faria nenhuma diferença para o passar dos dias no planeta de onde ela saiu. Se for Sangrilert, o dia continuará a ter dez horas e trinta e nove minutos, se for a Terra, o dia continuará a ter vinte e quatro horas.

— Isto que dizer que o tempo decorrido dentro da nave seria diferente do tempo decorrido no planeta de origem? — Perguntou Martim Francisco.

— Exatamente. — Zéfig falou. — À medida que a nave atingisse uma velocidade próxima à da luz, o tempo dentro dela iria dilatar, tudo pareceria mover-se mais devagar. Então, para alguém dentro da nave, o passar do tempo de uma semana seria o decorrer de, por exemplo, sessenta anos, para quem estivesse na Terra.

— Tu queres dizer que nessa viagem, passaram-se quinhentos anos na Terra? — Perguntou o capitão.

— Essa é uma parte da viagem.  
— Responda o que perguntei. — Disse Martim Francisco com voz grave.

— Pelo caminho que a nave dos zirados seguiu, sim, passaram-se quinhentos anos na Terra. Se encontrarmos o túnel que leva à Terra, em poucos minutos podes retornar.

— Como dizes isto! — Não viste que Cássio veio pelo túnel? Não viste que o túnel tem um bloqueio invisível para nós? Não vês que os zirados nos prenderam no tempo?

Os homens do capitão não diziam uma palavra sequer. Cássio continuou a tomar o caldo verde. Leonor aproximou-se de Martim Francisco e segurou sua mão.

— Capitão, acredita em mim. Existe um túnel para cada tempo diferente. Os zirados conhecem esses atalhos. Eles usam essas trilhas para viajar de uma galáxia para a outra. Eles podem levar-te de volta ao teu planeta e ao teu tempo.

Manuel serviu vinho para todos. Cássio não sabia o que dizer. Parecia um sonho, mas seu coração sentia toda a angústia daquelas pessoas que lotavam a sala. Dizer que todo o esforço que tinham feito para acumular ouro e criar rotas de comércio tinha sido em vão? Dizer que o mundo não deixou de girar, o tempo não deixou de passar, e a vida continuou sem eles? Não. Seria cretinice. Melhor calar-se.

Manuel serviu mais vinho para todos. Embriagaram-se até o amanhecer.

Passava das onze horas da manhã, quando o capitão e seus homens foram despertados pelos gritos eufóricos de Zéfig.

— Capitão! Capitão!  
— Fala, Zé, por que me acordas desta maneira? — Disse Martim Francisco, levantando-se do chão.  
— Olha, Zorid deu-me um óculos como o dele. Veja, tem a lente para observar as galáxias.

Cássio acabava de acordar e

não entendia muito bem o que estava acontecendo. Manuel ficou ao lado do capitão olhando atentamente para o óculos. Martim Francisco segurou com muito cuidado.

— Não podemos ver agora.

Ainda é dia. Esta noite tentaremos orientar-nos pelas estrelas. — Disse o capitão com ânimo renovado.

— Como antigamente. —

Manuel falou rindo.

Cássio aproximou-se de Martim Francisco e perguntou se poderia colocar o óculos. O capitão permitiu, mas recomendou que tivesse muito cuidado.

— Essas lentes são muito preciosas para nós. Aumentam o tamanho dos astros em milhões de vezes e podem ser voltadas para qualquer direção no Universo. Só é necessário aprender a colocar voltada para o ponto desejado.

— Tenho todas as anotações aqui, capitão. — Disse Zéfig, retirando uma lâmina de ouro de dentro da túnica.

— Zorid também entregou-te as cartas celestes? — Perguntou Martim Francisco.

— Não, eu estive a copiá-las desde que tu chegaste. Toma. São tuas. Espero que possas perdoar-me.

O capitão abraçou seu primo e pediu desculpas por tê-lo renegado no dia anterior. Cássio observava o óculos com muito interesse. Subitamente, seus olhos ficaram mareados. Zéfig percebeu e perguntou se ele estava bem.

— Lá na Terra, existem uns caras que ficam a vida inteira olhando para o céu e anotando, pacientemente, a

menor alteração na posição de uma estrela, ou planeta, ou que for. Eles só enxergam quando o céu não tem nuvens e, muitas vezes, só têm lápis e papel para anotar as posições.

— É... os astrónomos. — Disse Martim Francisco. — Tu bem lembraste deles. Um brinde aos astrónomos.  
— Disse, enchendo uma taça de vinho.

Cássio aproximou-se do barril, mergulhou uma caneca dentro dele e ergueu-a.

— Como você falou, capitão, vamos brindar à saúde dos astrônomos. — Cássio disse, bebendo o vinho.

— Conta-me, depois de quinhentos anos, os índios ainda usam vestes sumárias nas praias do Brasil? — Perguntou Martim Francisco.

— Nas praias do Brasil e nas praias de Portugal.

— Capitão, o que faremos com Cássio? — Manuel perguntou

— Ainda não tenho ideia. Só confio em ti, Manuel. Ele deve ficar em tua companhia para onde fores. Não sei se é melhor apresentá-lo a Zaus ou se devemos mandá-lo de volta.

— Capitão, hoje tenho muitas tarefas. Vou ter com Blábis para retirar encomendas e devo ir a Sangrilert entregar encomendas. Como levarei o rapaz comigo? Vai chamar atenção.

— Fala com Blábis para fazer uma fórmula para o rosto dele e leva-o contigo a Sangrilert.

— Confias em Blábis, capitão?

— Tanto quanto tu confias.

Respondeu Martim Francisco com um sorriso sarcástico. — Tu não me enganas, Manuel.

Manuel percebeu que o capitão sabia mais do que deixava entrever. Cássio olhava para um e para outro. Levantou-se, andou pela sala e seguiu com Manuel.

## C A P Í T U L O I X

Manuel desceu com seu pequeno veículo em frente ao laboratório de Blábis. Cássio observava tudo com muito interesse. Manuel bateu palmas e Blábis abriu a porta. Era um homem de uns sessenta anos, alto, forte, de cabelos azuis e olhos cinza grafite. Sua pele era perolada como a de Zorid.

— Quem é este? — O cientista perguntou espantado.

— Vamos entrar, explico-te tudo, mas guarda segredo. — Disse Manuel, conduzindo Cássio para dentro do laboratório.

Depois de cerca de uma hora, Cássio e Manuel saíram do laboratório de Blábis rumo a Sangrilert. Estavam muito espremidos no pequeno veículo de Manuel. Havia mais uma pessoa sentada, Phaci, o substituto de Manuel no trabalho da sede da coordenação. Cássio não fazia qualquer comentário. Ouviu Manuel e Blábis falarem sobre aquela estranha figura que não falava, só obedecia ordens. Tratava-se de um

robô com forma humana e tez bronzeada. Não tinha entendido a conversa de Manuel com o cientista, apenas pôde perceber claramente que eles tramavam alguma coisa.

Blábis fez uma fórmula. Um creme que Cássio teve de passar pelo corpo. Olhou-se no refletor de imagens do laboratório. Sua pele estava perolada como a de Blábis. Tentaria guardar um pouco de creme para usar no carnaval. Ficou bonito.

Manuel parou rapidamente em Estrela do Tejo para Phaci descer. Ele correu para a casa com ordens para não sair de lá até que Manuel retornasse. Ele e Cássio seguiram para Sangrilert. Quando se aproximaram do planeta dos sangrilos, havia uma grande nave parada na órbita do planeta. Manuel fez um sinal com luzes e a nave desceu. Cássio e Manuel seguiram o grande veículo.

Abriu-se uma porta e os homens do capitão saíram carregando várias caixas metálicas para fora. Aproximaram-se alguns habitantes dali e auxiliaram no desembarque. Em pouco tempo, tudo foi colocado num grande palácio de cristal, de onde Cássio pôde ver uma espécie de escritório e várias pessoas em frente a mesas trabalhando. Era a sede da coordenação de Sangrilert. A grande nave partiu e logo Manuel e Cássio iriam embora.

Seguindo as intruções de Manuel, Cássio não dizia um só palavra. Apenas observava. Caminhou em volta do veículo de Manuel e viu uma pequena bolinha preta junto a uma grande rocha de esmeralda. Retirou-a do solo fofo de ouro em pó. Guardou no bolso de seu calção. Seria sua recordação da galáxia de Zenaga.

Manuel chamou-o para perto de si. Cássio colocou-se ao lado dele e começou a assobiar. Depois de alguns

minutos, surgiram passarinhos no céu de Sangrilert. Manuel assustou-se. Nunca tinham visto animais ali. Os sangrilos ficaram maravilhados. Apreciavam o voo daquelas pequeninas criaturas sem desviar o olhar. Manuel encarou Cássio.

— O que tu fizeste?

— Nada. Eu só assobiei. Será que... Cássio falou, desconfiado de alguma coisa.

— Vamos embora daqui.

Rápido, vai para o veículo. Disse Manuel.

Enquanto Cássio seguia para a pequena nave de Manuel, surgiu um gato preto a seu lado, correndo na mesma velocidade. Cássio não teve mais dúvidas. Eram seus pensamentos que se materializavam naquele planeta. Os sangrilos corriam atrás dele e Manuel escondeu-se atrás da rocha de esmeralda.

Cássio olhou para o bando e pensou em vários passarinhos e galinhas e gatos e cachorros entre as pernas deles. E os animais surgiram. A balbúrdia ruidosa chamou a atenção dos sangrilos que trabalhavam na sede. Não entendiam o que estava acontecendo. No entanto, enterneциam-se com os animais e seguravam-nos no colo, acariciando com cuidado.

Manuel aproveitou a confusão, entrou na nave e foi embora. Cássio ainda pensou em bananeira, macacos, e, mirando o céu estrelado de Sangrilert, as constelações e nebulosas brilhantes, imaginou um papagaio desenhado em poeira cósmica. No mesmo instante, surgiu no céu do sistema planetário dos sangrilos a constelação do papagaio.

Sangri-li-ou acabava

de descer com sua nave e seus assistentes. Olhou para a confusão e mandou que prendessem Cássio. Ele foi detido num campo de força no meio da praça.

Sangri-li-ou fez sinal para os sangrilos ficarem em silêncio. Os animais corriam para cá e para lá. Cássio pensou em fugir flutuando num tapete mágico, mas nada aconteceu. Ele continuava imobilizado no campo de força.

— Quem és tu? — Sangri-li-ou perguntou.

Cássio seguiu as instruções de Manuel e não falou nada. Percorria a praça com os olhos à procura dele e não encontrou. Deveria ter escapado durante a confusão. Cássio acalmou-se. Logo Martim Francisco chegaria com seus homens e ele sairia dali. Permaneceu em silêncio.

Sangri-li-ou mandou que trouxessem uma corda. Era de um cabo metálico grosso. Amarraram Cássio e ele ficou exposto à população. Recolheram os animais um a um e colocaram perto dele dentro do campo de força.

Cássio perdeu a noção do tempo. Sentia dor nas pernas. Não conseguia precisar quanto tempo ficou de pé. Sentiu um grande alívio quando viu a nave de Zorid aproximando-se. Vieram resgatá-lo.

Martim Francisco desceu e Zorid permaneceu na porta da nave. Foi ao encontro de Cássio e perguntou se ele esatava bem.

— Tranquilo. Olha, anda logo com isso. Eu vou voltar pra Terra hoje mesmo. — Cássio falou.

— Explica como tu fizeste essa confusão. — Falou o capitão.

— É esse planeta. Eu penso em animais e eles aparecem. Se eu pensar em bananeira, olha lá, aparece também. Aqui, meus desejos são realizados.

— E por que não pensas na tua terra, na tua gente e desapareces daqui?

— Eu pensei e estou pensando até agora. Mas nada aconteceu. — Disse Cássio e, por um instante, colocou a mão no bolso. — Será que foi por causa dessa bolinha?

Martim Francisco olhou para aquela esfera negra e pequena. Nunca tinha visto nada igual. Nem conseguia perceber de que material era feita. Não podia tocá-la por causa do campo de força que isolava Cássio e os animais.

— Vou falar com Zaus e ele intercederá junto a Sangri-li-ou. Não demorarei.

Martim Francisco entrou na nave. Manuel aproximou-se e disse em voz baixa:

— Capitão, devo preparar os homens?

— Deixa todos em alerta. — Respondeu, Martim Francisco. — Vamos com Zorid até Zuribad e de lá tu segues algum veículo pequeno para Estrela do Tejo. Reúna os homens e encontra um modo de vir com eles para cá.

Quando desceram em Zuribad, Manuel afastou-se rapidamente da nave de Zorid. Martim

Francisco entrou no grande palácio de cristal e Zorid disse-lhe para aguardar. O zirado subiu a escada de safira e retornou pouco tempo depois. O capitão acompanhou-o à presença de Zaus, que já estava a par dos acontecimentos em Sangrilert.

— Capitão, tu deverias ter comunicado a chegada do brasileiro. Evitarias tantos transtornos.

— Perdoa, senhor coordenador. Eu iria avisá-lo, não houve tempo.

— Não temos tempo a perder. A controvérsia deve ser resolvida agora para que não se torne um oceano de discórdia e atos insanos. Zorid enviará uma mensagem da coordenação das galáxias, convocando Sangri-li-ou a trazer o rapaz para cá e submeter-se ao zubath. Todos os outros povos também receberão convocações para comparecer e testemunhar o zubath. Tu ficas aqui até que todos estejam presentes.

Cerca de duas horas depois, Zorid retornou e conduziu Martim Francisco para o grande salão, onde seria realizado o Zubath. Quando o capitão entrou, a plateia estava repleta. Todos os povos enviaram representantes. Acenaram para Martim Francisco e ele respondeu, Leonor estava sentada num banco no alto ao lado de Zhyma e Zahira. Blábis e Jóji estavam lado a lado na fileira em frente ao palco. Frederíades veio falar com Martim Francisco.

— Capitão, como as coisas chegaram a esse ponto? Ele perguntou com olhar assustado.

— Foi tudo muito rápido.  
Mas não há de ser nada. Tudo será resolvido pelo zubath.

O xertysano despediu-se do

capitão e foi sentar-se ao lado de Sangriliz no canto do salão.

Martim Francisco permaneceu em pé no palco ao lado de Zaus. Começaram a entrar pelo salão os homens de Sangri-li-ou. Em seguida, Cássio surgiu com as mãos amarradas e Sangri-li-ou estava a seu lado. Zaus fez sinal para que se aproximassem do palco. Martim Francisco ficou aliviado quando viu Manuel e seus homens entrarem atrás da comitiva de Sangri-li-ou e espalharem-se pelo salão.

— Senhor coordenador das galáxias, senhoras e senhores dos povos coordenados. Peço perdão por causar este transtorno. Não tivemos tempo de comunicar a chegada do brasileiro. Enfim, não foi pela nossa vontade que a tranquilidade foi perturbada. — Disse Martim Francisco, dirigindo-se à plateia.

Sangri-li-ou fez pouco caso e esperou que Zaus iniciasse o zubath. O coordenador das galáxias olhou para ele e para Cássio. O rapaz estava com sua camisa amarela, seu calção verde e as mãos amarradas. Sangri-li-ou recusou-se a soltá-lo para o zubath.

Zaus fez um sinal e as monitoras ziradas vieram massagear os competidores. Cássio demonstrou satisfação. Sangri-li-ou estava muito sério. O coordenador das galáxias ergueu as mãos e surgiram suspensos no ar cilindros verdes e amarelos dispostos sobre um retângulo verde. Ao lado de cada cilindro verde-amarelo, havia um cilindro púrpura. O centro do retângulo era marcado por um círculo dourado e as bordas eram desenhadas por linhas douradas também. No lados menores, havia um retângulo pequeno e uma renda dourada suspensa por duas hastes de diamante.

Cássio olhou para Zaus e reconheceu a imagem de um campo de futebol. Parecia que ele deveria jogar com o

cilindro verde-amarelo. Não disse nada, esperou para ver o que iria acontecer. Sangri-li-ou perguntou pelo bastão e Zaus respondeu que não usariam. Ele havia-se recusado a desamarrar Cássio, então, o zubath deveria ser disputado com os pés.

Uma esfera dourada surgiu no meio do grande retângulo verde e ouviu-se uma badalada. Cássio pôs-se a movimentar os pés e a bola dourada corria por entre os cilindros púrpura que permaneciam imóveis. Logo atingiu a extremidade e foi lançada na rede dourada. Uma grande quantidade de pó de ouro caiu no baú de prata atrás do palco.

A plateia vibrou, nunca tinha visto um zubath tão emocionante. Ouviu-se outra badalada. Cássio moveu os pés. Sangri-li-ou continuava paralisado. Não sabia o que fazer, nem para onde olhar. A bola dourada passou pelo cilindro púrpura do meio do retângulo seguiu por outros dois cilindros púrpura e deslizou ao lado deles. Chegou em frente ao retângulo menor e um cilindro púrpura bloqueou seu acesso à rede dourada. Afinal, Sangri-li-ou tinha conseguido entender o jogo e moveu o cilindro para bloquear o verde-amarelo que conduzia a bola dourada. O cilindro verde-amarelo inclinou-se para a esquerda e o cilindro púrpura acompanhou-o. Então, bola foi lançada pela direita, sem que Sangri-li-ou entendesse aquele movimento. Atingiu a rede devagarinho diante de outro cilindro púrpura imóvel dentro do retângulo menor.

A plateia gritava, aplaudia e mais ouro em pó caiu dentro do báu de prata. Soou nova badalada. Foram muitos gols a favor do brasileiro. No final do zubath, uma tempestade de ouro caía sobre a plateia. Ninguém conseguia enxergar nada naquele nevoeiro dourado. Montes de ouro em pó foram varridos várias vezes durante o zubath.

Martim Francisco retornou para Estrela do Tejo com seus homens e o grande campeão do zubath. Leonor providenciou comida para eles e Manuel serviu muito vinho de seus dois barris cheios. Pensava em vendê-los para Frederíades, mas tinha que comemorar aquela vitória. Cássio tinha poeira de ouro grudada pelo corpo. Leonor mostrou o cilindro antisséptico e ele foi lavar-se. Ela entregou-lhe um macacão prateado e levou sua roupa para lavar.

Eles beberam a noite inteira, relembrando os lances do zubath. Leonor ouvia as risadas, enquanto bordava um desenho com fios de ouro na camisa amarela de Cássio. No meio da madrugada, Zorid apareceu na casa do capitão e disse que Zaus mandava uma mensagem para Cássio. Ele aproximou-se do zirado e recebeu uma lâmina. Ensinaram-lhe que deveria bater palmas. A fumaça começou a surgir. Um texto em português cumprimentava pela vitória e desejava boa viagem de retorno à sua terra. Cássio entendeu que aquilo era um cartão vermelho e agradeceu a Zorid.

— Capitão, foi um grande prazer conhecer vocês. Tenho que ir. Não quero criar mais confusão.

— Vai, garoto, tu tens a chance. Avante!

Cássio não disse mais nada. Voltaria logo, antes que se passasse muito tempo e não houvesse motivo para voltar. Leonor trouxe sua roupa e ele vestiu-se no aposento do capitão. Seu calção verde e sua camiseta amarela. Leonor bordou um papagaio com fios de ouro na altura do peito.

## C A P Í T U L O X

Depois de uma semana, os estretejanos voltaram à sua rotina. Sentiam saudade de Cássio, mas ele teve a chance de voltar isso os deixava alegres. Martim Francisco analisava as constelações toda a noite, observando com o óculos que Zéfig trouxe. Não encontrava a Terra, a Lua, nada. Parecia que estavam presos ali para sempre. Nem poderia pedir uma viagem para Zorid depois de toda balbúrdia provocada por Cássio.

— Capitão, onde foi parar aquela bolinha que o brasileiro pegou em Sangrilert? — Perguntou Manuel.

— Ele teve que entregar para Zorid quando o zubath terminou.

— Tens ideia do que seria?

— Zéfig conversou com Blábis e ele disse que só podia ser um minúsculo buraco negro, uma tal singularidade, onde tudo pode acontecer. Ele imaginava animais e os animais surgiam. Ele imaginou, imagina só, um tapete voador, para fugir e não apareceu. — Disse o capitão.

— E por que o tapete não apareceu?

— Por que a singularidade não tem lógica alguma. Cria animais, se quiser, e não cria o tapete, se não quiser. Não há regras. Tudo pode acontecer.

— E também pode não acontecer.

— Pois é. — Emendou Martim Francisco. — Sabes, Manuel, estou preocupado com Sangri-li-ou. Ele esteve diversas vezes na sede da coordenação e insiste em que os animais sejam retirados de Sangrilert. Ele diz que não pode ser obrigado a conviver com eles.

— Ele é bem capaz de começar a guerra dos mundos só porque não gosta de animais.

— Eu disse para Zaus que podem trazer os animais para cá e encerrar o assunto.

— E por que ainda não fizeram isso? — Manuel perguntou.

— Porque muitos sangrilos apegaram-se a eles. Zaus disse que eles devem votar. Sangri-li-ou parece que tem a maioria dos votos.

— Não podemos convidar os sangrilos que gostam de animais para virem para cá com eles?

— Certo, vamos falar com Zorid. — Disse Martim Francisco, levantando-se do banco.

Depois de alguns dias, chegaram os sangrilos com seus animais em Estrela do Tejo. Leonor estava encantada. Havia muito tempo que não segurava um gatinho no colo. Acordavam ao som do canto dos passarinhos. As galinhas ciscavam na relva e os cachorrros acompanhavam as pessoas pela cidade.

No entanto, comentava-se que nem assim Sangri-li-ou estava satisfeito. Não suportava olhar todas as noites para a constelação do papagaio no céu de Sangrilert. Ele tomou uma

medida drástica que fez com que muitos sangrilos abandonassem suas casas às pressas. Sangriliz também foi para Estrela do Tejo.

— O que tu estás a dizer! —

Gritava Martim Francisco enfurecido. — Teu irmão ensandeceu?

— Infelizmente, é a verdade, capitão. — Falou Sangriliz resignado. Ele convocou os sangrilos para votar o fechamento de nossso sistema. Disse para os insatisfeitos retirarem-se e ele está com o cilindro que aciona o campo de força de bloqueio o tempo todo no bolso. A qualquer momento, o acesso a Sangrilert será fechado.

Martim Francisco entrou em seu pequeno veículo e foi a Sangrilert. Enquanto tentava aproximar-se foi interceptado por uma esquadrilha de pequenas naves dos homens de Sangri-li-ou.

— Chama teu coordenador aqui.

— Disse o capitão, estacionando seu veículo num asteroide próximo.

Não demorou para que Sangri-li-ou chegasse ao asteroide.

— O que tu pensas? Até onde vai a tua veleidade?

— Volta para teu sistema.

Volta para Bolota, de onde nunca deverias ter saído. — Disse o sangrilo.

— Onde está o teu cilindro de bloqueio? — Perguntou o capitão.

— Aqui. — Disse Sangri-li-ou, segurando o cilindro com a mão direita. — Não há nada que tu possas fazer. Ele só responde ao meu comando, assim como o teu cilindro.

Martim Francisco partiu para cima do sangrilo e ele derrubou o cilindro. Os dois trocaram socos e pontapés e, afinal, o sangrilo atingiu a cabeça do capitão com um pedaço de rocha de rubi. Martim Francisco caiu no chão. Vertia muito sangue de sua testa. Sangri-lhou foi embora com seus homens e entrou em Sangrilert. Fechou o sistema.

Depois de dois dias do desaparecimento do capitão, começaram as buscas pelas galáxias coordenadas. Zorid chegou com sua nave em Estrela do Tejo e Manuel foi avisar Leonor. Ela arrumou-se com o vestido de tafetá verde e a capa de veludo. As despedidas foram breves. O povo de Estrela do Tejo estava inconsolável. Manuel supervisionou o embarque dos báus de ouro e prata repletos de rubis, safiras e esmeraldas para a nave. Leonor subiu rapidamente. Manuel foi o último a deixar Estrela do Tejo.

Num aposento vazio, jazia o corpo do capitão sobre uma mesa de diamante. Pequenas bacias com ouro derretido iluminavam o lugar. Leonor acendeu uma vela e sentou-se num banco de ouro. Manuel estava a seu lado. Zorid entrou, ajoelhou-se e fez uma reverência ao capitão. Zéfig chorava sem parar.

Leonor e Manuel não saíram da sala durante toda a viagem. Chegaram ao Algarve. A nave parou perto da casa de Joaquim Duarte. Zaus veio falar com Leonor.

— Senhora, pelo testamento do capitão Martim Francisco, dois báus de pedras preciosas devem ser entregues ao senhor Joaquim Duarte.

— Eu sei, senhor coordenador. Eu mesma farei a comunicação.

Manuel e Leonor desceram pelo campo aberto e caminharam até a casa do grande amigo do capitão. Os homens de Zorid traziam os báus em pranchas flutuantes. Leonor bateu palmas à porta da casa.

— Senhora, Manuel, o que houve com Martinho? — Perguntou Joaquim Duarte.

Passaram-se seis anos para Joaquim Duarte desde que Martim Francisco esteve lá pela última vez. Estava muito velho, a vista falhava e o corpo debilitava-se por um tosse permanente.

Manuel e Leonor contaram-lhe o que tinha acontecido com Martim Francisco. Os báus foram deixados na sala, conforme o próprio Joaquim determinou aos homens de Zorid.

— Senhor Joaquim, meu marido também deixou-lhe estes pergaminhos. Há muitas anotações que podem ajudar no estudo das cartas estelares.

— Muito grato, senhora. Mas eu estou muito velho para estudá-las. Tenho, no entanto, um aprendiz, um jovem muito estudioso. Johannes. Venha cá! — Gritou o ancião.

Um rapaz farranzino, imberbe, surgiu na sala. Joaquim Duarte fez as apresentações e Leonor e Manuel foram embora.

A nave seguiu para Lisboa. Manuel ensaiava várias maneiras de dizer para Catarina o que havia sucedido com o filho. Não encontrava uma frase que pudesse confortá-la. Leonor permanecia em silêncio. Zéfig estava sempre a seu lado. Esperaram anoitecer para descer em Lisboa. Zaus orientou Leonor a trazer Dona Catarina para a nave. O corpo do capitão deveria ser velado ali e, depois, durante um nevoeiro que

eles criariam artificialmente, seria sepultado no jazigo da família.

Tudo foi feito como estava no testamento de Martim Francisco. Dona Catarina e Leonor velaram o corpo ao lado de Zéfig. Manuel não tirava os olhos do pai de Leonor, Dom Bartolomeu. Ele e Catarina haviam-se casado. Nada mais tinha a fazer na Terra. Voltaria com Zéfig e iria casar-se com Zhyma. Quando se aproximava o momento de sepultar Martim Francisco, um forte nevoeiro encobriu Lisboa. Zaus entrou no aposento e dirigiu-se a Dona Catarina

\_\_\_\_ Senhora, em nome das galáxias coordenadas venho transmitir uma mensagem de pesar. No entanto, mais importante do que tudo, entrego esta placa de ouro, em homenagem à memória do saudoso capitão. Zéfig, leia a mensagem em voz alta.

\_\_\_\_ *As galáxias coordenadas, com sede em Zenaga, honram a memória do capitão português Martim Francisco Guedes de Magalhães, e seu legado de bravura e amizade para com os povos coordenados. Eterna inspiração estelar, seguimos suas palavras através do espaço "Navegar é preciso".*

Zaus beijou a mão de Dona Catarina e leu o testamento do capitão. Cabiam-lhe quatro báus repletos de pedras preciosas e quatro para Leonor.

\_\_\_\_ Senhora, o capitão Martim Francisco honrou o sangue de Dom Vasco que, agora, corre nas veias de seus descendentes. Martim Francisco deixa três filhos em Zenaga. Xerges, de mãe xertysana. Zerji, de mãe zirada, e Sangrol, de mãe sangrila.

Leonor ergueu-se do banco com as faces enrubesidas e os olhos faiscando. Estava irada. Olhou para o corpo do marido e mandou

que os homens retirassem seus baús e levassem para sua casa.

— Leonor, acalma-te. — Disse Dom Bartolomeu.

— Pai, neste Universo traiçoeiro, a vida é um breve instante.

— Queres ensinar o padeiro a fazer pão? Não me dizes nenhuma novidade.

— Pois então. Eu sou rica, eu sou instruída, eu vou para Veneza aproveitar a vida.

— Vamos visitar-te no carnaval.

O capitão foi sepultado. Manuel e Zéfig seguiram na nave com Zorid e Zaus. Enquanto contemplavam a Terra na saída da via láctea, Zorid apanhou do bolso o cilindro de ouro com um rubi e uma esmeralda. O cilindro de bloqueio do capitão. Retirou as pedras e fechou o sistema solar.

ZUBATH

Autora - REJANE GUIMARÃES AMARANTE

Pseudônimo - ZANE ZHIMA

RG 11.420.845      CPF 035.858.968-12

nascimento - 15/03/1960

Brasileira - divorciada - advogada

Rua João Mafra n.568 ap.11

São Paulo - SP CEP 04288-000

(11) 5068-2955      [guimate@terra.com.br](mailto:guimate@terra.com.br)

Minibiografia - participação nas Antologias "O Sonho" (1999), "Novos Talentos da Literatura"(2000), "O Amor na Literatura"(2000), da Ed. Casa do Novo Autor, "Pérgula Literária 4" (2000), da Ed. Valença, "Livro de Poesias 2009", do CNEC-Capivari











